

Corrente

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA WIZO BRASIL - Nº40 - MÊS DE TISHREI - ANO DE 5779 - SETEMBRO DE 2018

O FUTURO AO ALCANCE DE TODOS



O CREB é referência em ortopedia, reumatologia e fisioterapia, há mais de 40 anos. Com a mais moderna infra-estrutura, oferece tratamentos de última geração para dores na coluna, artrite, artrose e tendinite. Agende uma consulta no CREB.

Viver sem dor é possível

- Ortopedia
- Reumatologia
- Urgência Ortopédica
- Fisioterapia
- Fisioterapia
- Hidroterapia
- Acupuntura
- Pilates Terapêutico
- RPG
- Reabilitação Urogenital
- Reabilitação Neurológica
- Programa de Reabilitação Rápida
- Terapia por Ondas de Choque

(21) 3182 8282
www.creb.com.br



Rua Voluntários da Pátria, 408
Botafogo - Rio de Janeiro

PRINCIPAIS PLANOS DE SAÚDE
ESTACIONAMENTO NO LOCAL

WIZO BRASIL

ORGANIZAÇÃO FEMININA WIZO
Av. Princesa Isabel, 323 sala 1101 - Copacabana
22011-010 Rio de Janeiro - RJ
e-mail: wizobrasil@terra.com.br

EXECUTIVO WIZO BRASIL

Presidente: Silene Balassiano
Presidente de Honra: Ana Marlene Starec

Vice-Presidentes
Nelly Starec
Lúcia Balassiano

Membros do Executivo

Diretora Financeira: Sheila Saubermann
Diretora de Relações Institucionais: Eva Solewicz
Diretora de Organização: Eliane Holender Eidelman
Diretora de Cultura: Tania Holperin
Diretora de Comunicação e Marketing: Silene Balassiano
Segmento Aviv: Danielle Balassiano Ptak e Suzanne Danon Cusnir

Presidentes dos Centros WIZO BRASIL

Amapá: Ruth Alves Mendes
Amazonas: Nina Laredo Pinto
Bahia: Léa Ester Sandes Sobral
Brasília: Mariângela Lemos
Minas Gerais: Helena Berger
Pará: Roseluz Bermerguy de Souza Côrtes
Paraná: Sarita Malka Kulyz e Regina Brener
Pernambuco: Raquel Kaufman
Rio de Janeiro: Luciana Burlá Cukierman
Rio Grande do Norte: Ana Júlia Gabbay
Rio Grande do Sul: Sheila Maltz Schul
Santa Catarina: Sabrine Quarezemin
São Paulo: Nava Shalev Politi

Membros Honorários WIZO BRASIL
Margarida Grin (SP), Teresinha Sandler (RS), Vera Sasson (PR) Clara Malim Farah (RJ), Sarita Schaffel (RJ), Helena Reich Grimbaum (PR) Clara Novikov (RJ), Aviva Avritzer (MG), Fanni Jawetz (RS), Sulamita Tabacof (SP), Helena O. Kelnner (RJ) e Doris Zlatkin(RJ)

corrente

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA WIZO BRASIL

Tel: (21) 2244-6986 (21) 2541-1098
e-mail: wizobr@terra.com.br e wizobrasil@terra.com.br

Conselho Editorial
Silene Balassiano (presidente)
Sarita Schaffel, Nelly Starec, Eva Solewicz e Marlene Starec

Editora: Carolina Vaisman
Arte: Engenho
Produtora: Vera L. Cohen
Impressão: Gráfica WalPrint

Colaboraram nesta edição: André Lajst, Bruno Thys, Marcelo Ninio, Marcelo Starec, Osias Wurman, Ricardo Gorodovits, Sarita Schaffel e Zevi Ghivelder.

Sumário



16 70 ANOS DE LÁGRIMAS E ALEGRIAS

por Osias Wurman

04 APRESENTAÇÃO

06 PALAVRA DA PRESIDENTE
por Silene Balassiano

08 ENTREVISTA
EMBAIXADOR YOSHI SHELLEY
por Carolina Vaisman

12 NOS PASSOS DE
THEODOR HERZL
por Marcelo Ninio

22 O PODER DA
MULHER WIZO
por Sarita Schaffel

24 O PRENÚNCIO DO
HOLOCAUSTO
por Zevi Ghivelder

30 ALIÁ, OS DESAFIOS DE UMA
NOVA PÁTRIA
por Marcelo Starec

34 ALBERTO DINES: UMA VIDA
SEM PONTO FINAL
por Bruno Thys

38 SIMCHAT TORÁ E OS
70 ANOS DE ISRAEL
por Ricardo Gorodovits

42 ISRAEL, O CORAÇÃO DO
JUDAÍSMO
por Rabino Jonathan Sacks

46 WIZO EM FOCO

62 PALAVRA FINAL
por André Lajst

LOREM IPSUM SED AMET DOLOR

Publicação Oficial da WIZO Brasil – Nº40
Mês de Tishrei – Ano de 5778
Setembro de 2018



Capa: Tel Aviv Azrieli Towers
Dana Friedlander para o Ministério do
Turismo de Israel

Ao refletirmos sobre o passado, percebemos que sete décadas são um minúsculo grão de areia na história. Nesse curto período da linha do tempo, o Estado de Israel foi criado e se consolidou como exemplo de democracia. É hoje não só o lar do povo judeu, mas também um centro de importantes avanços tecnológicos, científicos e culturais. Uma pequena nação no Oriente Médio, que convive muito bem com os conceitos de globalização, coexistência e tolerância.

Nesta edição especial, a revista Corrente, editada pela WIZO Brasil, adotou como temática essa celebração, iniciando com o artigo do cônsul honorário de Israel no Rio de Janeiro, Senhor Osias Wurman.

Em seu texto, Sarita Schaffel analisa o poder das mulheres WIZO, como construtoras do Estado Judeu e apoiadoras da sociedade israeli, ontem e hoje. Os artigos de Zevi Ghivelder, André Lajst e Marcelo Ninio revelam diferentes dimensões de uma história e de alguns de seus personagens, que forjaram a existência dessa nação.

O jornalista Bruno Thys escreve sobre seu amigo, colega de profissão e mestre Alberto Dines, que, em suas obras, revelou o humanismo dos ensinamentos judaicos. O economista Marcelo Starec, imigrante recente, conta a sua experiência com a aliá.

Na entrevista desta edição, o Embaixador de Israel no Brasil, Yossi Shelley, caracteriza os desafios a serem enfrentados conjuntamente por Israel e Brasil, em âmbitos comerciais, tecnológicos e diplomáticos.

Nesses tempos das grandes festas, Ricardo Gorodovits reflete sobre o significado de Simchá Torá e sua relação com a fundação do Estado de Israel.

Boa leitura!

CAROLINA VAISMAN
Editora da revista Corrente

Amsterdam Sauer



amsterdamsauer.com



Silene Balassiano



AS MÃOS QUE AJUDARAM A MOLDAR UMA PÁTRIA



Durante mais de dois mil anos, o povo judeu, que estava espalhado pelo mundo, ansiava voltar à sua terra sagrada, Israel. Durante mais de dois mil anos, o judeu foi humilhado, perseguido, torturado e até assassinado pelo antissemitismo que já reinava no mundo. No final do século XIX, surgiu um intelectual, Theodor Herzl que, motivado pelo sentimento de corrigir estas injustiças perpetradas contra seus irmãos de fé judaica, deu início a um movimento, visando enfrentar a questão judaica e reivindicar o seu direito de retorno à terra de Israel.

Embora houvesse judeus lá desde sempre, foi a partir do movimento sionista que se criou uma estratégia importante a permitir esta volta ao Oriente Médio.

As primeiras levas de imigrantes eram constituídas em sua maioria por judeus oriundos da Europa, especialmente pessoas de formação intelectual. Porém, para que sobrevivessem naquelas terras pantanosas e áridas seria preciso criar uma estrutura coletiva.

Foi aí que o espírito da pátria a ser criada foi desenvolvido. E foi desde aí que o sonho que se transformava em realidade passaria a tomar forma, através da força e empenho do trabalho voluntário fe-

minino, através das mulheres WIZO.

Os princípios de liberdade e igualdade foram a mola mestra que definiram o tipo de nação que os judeus ansiavam. Foram estes também os princípios que definiram o modelo de Organização Feminina Sionista que mundialmente se formava, aquela que, paralelamente, deveria envidar esforços para que mulheres pudessem ajudar, com competência, seus esposos a trabalhar, sem com isso deixar que estudo e educação fossem negados a seus filhos.

A população judia foi crescendo na região e, após a enorme tragédia da Segunda Guerra Mundial, com seis milhões de judeus assassinados pelo nazismo, o mundo reconheceu a necessidade de criar um novo país na região, resgatando o direito de um povo. Ao seu lado, sempre, a cada etapa e a cada necessidade, as voluntárias WIZO sempre estiveram presentes.

Em 14 de Maio de 1948, renasce o Estado de Israel. O documento que foi escrito na época é uma ode à liberdade, justiça e igualdade. Nestes documentos, desde o primeiro dia, desde a primeira hora estavam presentes as mulheres WIZO.

Com as premissas sociais existentes no Livro dos Livros, afirmamos nossos princípios mais altos de tolerância e, de portas abertas, principalmente a

NESTE ANO EM QUE CELEBRAMOS A ALEGRIA DOS 70 ANOS DE MEDINAT ISRAEL, COMO PRESIDENTE WIZO BRASIL A TODAS REPRESENTANDO DESEJO: IOM HULEDET SAMEACH!

qualquer judeu do mundo, resgatamos comunidades inteiras e as abraçamos com um abraço que somente uma mulher, uma mãe pode fazer. Deste modo, Ben Gurion nos denominou mães do Estado de Israel.

Reafirmamos nossa vontade de viver em paz com nossos vizinhos, sem abrir mão de nossa segurança e de nosso direito à sobrevivência. Reiteramos a crença de uma justiça maior para todos, com o compromisso da responsabilidade pessoal e social. E mesmo com uma população eminentemente judia, Israel estabeleceu um governo onde todos têm voz.

Desde então, levas de imigrantes chegaram a esta terra. O rico e o maltrapilho, o religioso e o inte-

lectual, os perseguidos e os idealistas. Nós, que já fomos estrangeiros em terras dos outros, abrimos nossas portas para os estrangeiros de hoje.

O tecido social de Israel é formado por pessoas de toda a sorte e seus direitos são respeitados por nossa justiça. Suas necessidades continuam sempre amparadas pelas mãos das mulheres WIZO, presentes em mais de 50 países do mundo, congregando mais de 250 mil membros, unindo, educando, se solidarizando, amando. Dando suporte a quem necessita, trabalhando pelo bem-estar desta sociedade, transformando definitivamente vidas e atuando em cada pedaço do universo como Embaixadoras do Estado de Israel.

Neste ano em que celebramos a alegria dos 70 anos de Medinat Israel, como Presidente WIZO BRASIL a todas representando desejo: Iom Huledet Sameach! Parabéns, Medinat Israel! Parabéns, Chaverot WIZO BRASIL!

Que possam as próximas gerações de mulheres brasileiras judias, assim como nós aqui, estarem para continuar como sempre o seu trabalho, com honra e dignidade.

Shalom!

**GUARDE PERTO
SELF STORAGE**

O jeito prático e seguro de você guardar.

A Guarde Perto cumprimenta a WIZO por sua trajetória vitoriosa em prol de uma sociedade mais justa. Saudamos a comunidade judaica com um **Shaná Tová Umetuká**

Yossi Shelley



A TECNOLOGIA DA UNIÃO

PARA EMBAIXADOR, BRASIL E ISRAEL PODEM TROCAR MUITAS EXPERIÊNCIAS

POR CAROLINA VAISMAN

Há um ano e meio como Embaixador de Israel no Brasil, Yossi Shelley tem seu foco de atuação muito bem definido: estreitar os laços comerciais e solidificar, ainda mais, a parceria entre os dois países. Aos 60 anos, natural de Beer-Sheeva, Shelley afirma que a cooperação entre Brasil e Israel tem ainda muito mais a oferecer e acredita que o conhecimento tecnológico é a chave não só para um intercâmbio bem sucedido, como também para a melhoria de vida dos povos e promoção da paz. Nesta entrevista, o Embaixador fala sobre esses pontos e sobre o que podemos esperar da relação entre Brasil e Israel.

Para o senhor, quais foram, até agora, as principais conquistas realizadas por meio do intercâmbio entre Israel e Brasil?

O Brasil contribuiu para a criação do Estado de Israel porque Oswaldo Aranha era o presidente da ONU na época. Mais recentemente, pelo fato de o mundo ter mudado para uma economia mais globalizada, Israel foi um dos primeiros países de fora da América Latina a fazer negócios com o Mercosul. Parte disso em razão da contribuição brasileira.

De que forma as relações comerciais entre Brasil e Israel podem ser ampliadas? Quais são os novos projetos e quais novidades estão a caminho?

As relações econômicas entre Brasil e Israel podem ser ampliadas em alguns campos, como água, agricultura, segurança pública e exportações de carne para Israel. Tecnologias israelenses podem ajudar a resolver a escassez

de água em diversas regiões do Brasil. Podem oferecer maneiras de reciclar o uso para evitar a poluição do meio ambiente e ter mais água disponível. A experiência e a tecnologia israelenses podem ajudar a melhorar a segurança pública no Brasil, usando tecnologias que já são utilizadas em Israel.

O que Israel pode ensinar ao Brasil e o que o Brasil pode ensinar a Israel e quais são as principais semelhanças entre as duas nações?

Israel é um centro de avanços mundial que pode compartilhar suas tecnologias em várias áreas como tecnologias e inovação em ciências naturais. Israel pode se beneficiar enormemente do conhecimento e melhores práticas brasileiras relativas ao que estamos desenvolvendo em Israel no momento, que são os depósitos de gás natural recém-descobertos. Podemos aprender com o Brasil como utilizar o potencial econômico dos depósitos de gás.



ISRAEL É UM CENTRO DE AVANÇOS MUNDIAL QUE PODE COMPARTILHAR SUAS TECNOLOGIAS EM VÁRIAS ÁREAS



Israel é reconhecido mundialmente como um dos países mais desenvolvidos na tecnologia hídrica, como o aproveitamento de água, irrigação e dessalinização, reutilizando 87% de seu recurso hídrico. No ano passado, o Nordeste brasileiro viveu a pior seca dos últimos cem anos, afetando 23 milhões de pessoas. Como Israel pode contribuir com o Brasil neste setor?

Israel pode contribuir disponibilizando tecnologias de dessalinização. As tecnologias israelenses tornaram a dessalinização mais barata e mais eficiente como nunca antes, permitindo a Israel solucionar seus problemas de escassez de água. A reciclagem também é um elemento essencial para combater essa escassez, reutilizando a água depois de purificá-la em áreas como irrigação na agricultura e indústria. Israel também pode auxiliar fornecendo a irrigação por gotejamento.

Mais de 15 mil brasileiros escolheram Israel como novo lar. Como o senhor vê essa crescente emigração e como os brasileiros podem contribuir para o grande mosaico que é Israel?

Pessoas escolhem migrar para outros países onde possam desfrutar de segurança pública e econômica, democracia e estabilidade política. Por este motivo, vemos uma tendência de emigração para países como Estados Unidos, Canadá, Austrália e Israel. Em Israel, as pessoas ganham ainda a manutenção de sua identidade judaica e podem assegurar a continuidade da herança judaica para si e seus filhos. Oferecemos também grandes programas nacionais para absorver imigrantes por meio de incentivos econômicos, mas também grandes redes de segurança social. Isto inclui organizações que foram recentemente estabelecidas por judeus brasileiros que se mudaram para Israel e oferecem empregos



O MAIS IMPORTANTE ELEMENTO PARA ALCANÇAR A PAZ É RECONHECER A REALIDADE E A VERDADE HISTÓRICA

para recém-chegados do Brasil para que eles consigam boas oportunidades em Israel.

Um exemplo é a organização Beit Brasil. Nossas redes de brasileiros especializados em tecnologia, em cidades como Ra'anana, ajudam novos Olim (imigrantes que chegam a Israel) a conseguir boas oportunidades de trabalho. A taxa de desemprego em Israel é extremamente baixa, por volta de 3.6%. O crescimento econômico por sete anos consecutivos oferece melhores oportunidades como nunca antes.

Qual foi o papel do Brasil durante estes 70 anos de Israel, que estão sendo comemorados em 2018? Quais foram as principais contribuições, erros e acertos?

O trabalho de Oswaldo Aranha teve papel decisivo no curso dos eventos que culminaram na criação do Estado de Israel. Nesta ocasião, o Brasil estava do lado certo da história. Sentimos falta de quando o Brasil adotava uma posição mais equilibrada e neutra em relação ao Oriente Médio e a Israel especificamente na política internacional.

Qual a sua expectativa e opinião sobre a situação vivida por diversas nações em relação aos refugiados?

Cada estado deve, antes de tudo, atender aos interesses dos seus cidadãos e residentes. Mas também deve assistir os refugiados na medida do possível, no nível em que os países podem ajudá-los de fato. Atualmente, tanto Israel como o Brasil o fazem bem.

Como o senhor vislumbra o futuro das relações entre Brasil e Israel nesse mundo globalizado?

As relações brasileiras e israelenses apenas ficarão mais próximas e fortes a partir do momento em que aceitarem e vencerem o desafio de melhorar a qualidade de vida de pessoas ao redor do mundo. Isto irá requerer muito mais confiança em tecnologias do oriente, incluindo tecnologias de Israel.

Como os dois países podem trabalhar juntos pela paz?

O mais importante elemento para alcançar a paz é reconhecer a realidade e a verdade histórica. Apenas este elemento nos permitirá construir uma visão realista do Oriente Médio e chegar ao progresso na nossa missão pela paz.



“EM
BASILEIA
EU FUNDEI
O ESTADO
JUDEU”

Theodor Herzl

POR MARCELO NINIO
de Basileia - Suíça

A passos desapressados, a caminhada do Cassino Municipal de Basel até o Grand Hotel Les Trois Rois, à beira do Reno, leva dez minutos, não mais que isso. Com as fachadas da Cidade Velha de Basileia em impecável estado de conservação, o cenário não parece ter mudado muito desde os dias em que Theodor Herzl fazia o percurso, mais de um século atrás. Nesta pitoresca cidade suíça, Herzl liderou o primeiro Congresso Sionista, em 1897, deflagrando uma das mais notáveis jornadas na história da humanidade de um povo em busca de si mesmo.

A passos desapressados, a caminhada do Cassino Municipal de Basel até o Grand Hotel Les Trois Rois, à beira do Reno, leva dez minutos, não mais que isso. Com as fachadas da Cidade Velha de Basi-

leia em impecável estado de conservação, o cenário não parece ter mudado muito desde os dias em que Theodor Herzl fazia o percurso, mais de um século atrás. Nesta pitoresca cidade suíça, Herzl liderou o primeiro Congresso Sionista, em 1897, deflagrando uma das mais notáveis jornadas na história da humanidade de um povo em busca de si mesmo.

Não é difícil saber o que passava pela cabeça do pai do sionismo enquanto se deslocava do cassino, sede do congresso, até o hotel onde estava hospedado. Suas ideias foram amplamente documentadas por ele e por seus contemporâneos. Mas o que diria o líder judeu sobre o Estado de Israel de hoje, formado a partir do extraordinário movimento que ele fundou?

Líder nato, raciocínio sofisticado e extremamente carismático, Herzl chegou a ser compara-

DISSE O PAI DO SIONISMO
NA CIDADE SUÍÇA, ONDE
O EXTRAORDINÁRIO LÍDER
ENCARNOU ANTIGOS REIS
E PROFETAS AO INICIAR
A CAMINHADA RUMO AO
ESTADO DE ISRAEL

do por seu secretário, Dr. Mordecai Ehrenpreis, a uma versão moderna dos antigos reis judeus, além de possuído por um “furor nobre que lembrava os grandes profetas”. O espírito visionário que inspirou milhões de judeus a deixar os guetos e renascer em Eretz Israel teve diversos traços de profecia, o mais famoso enunciado na conclusão do primeiro Congresso Sionista, em 3 de setembro de 1897.

“Em Basileia eu fundei o Estado judeu. Se dissesse isso em voz alta hoje, eu seria recebido por uma gargalhada universal. Em cinco anos, talvez, e certamente em 50 anos, todos perceberão isso”, anotou Herzl em seu diário. Tinha 37 anos. Em 29 de novembro de 1947, quase exatamente no prazo intuído por ele, a Assembleia Geral da ONU aprovou a partilha da Palestina, abrindo caminho para a criação do Estado de Israel no ano seguinte.





Fotos de Marcelo Nino



Legendão para as duas fotos

Desde 1897, muito se debateu sobre Herzl e os primeiros passos do movimento sionista e em que medida as bases estabelecidas para o ambicionado lar judeu nos primeiros congressos em Basileia correspondem ao que virou realidade em Israel a partir da declaração de independência de 1948. Há poucas dúvidas, entretanto, em relação ao que motivou a metamorfose de Herzl, de judeu assimilado e um entusiasta da integração à cultura germânica a um defensor da criação de um Estado como única solução para os judeus.

Nascido em 1860 no bairro judaico de Pest, no lado oriental da capital húngara, Theodor Herzl mudou-se aos 18 anos com a família para Viena. Na capital do Império Austro-húngaro, estudou direito e tornou-se membro de fraternidades estudantis nacionalistas alemãs. Adotou o ideal intelectual germânico Bildung (educação), que aspirava ao desenvolvimento pessoal e moral inspirado nos "romances de formação" clássicos de autores como Goethe e Shakespeare. É revelador do ambiente à época que um judeu entusiasmado com a ideia de assimilação tenha chegado à conclusão de que essa não era uma possibilidade, após sentir na pele o antissemitismo nos círculos intelectuais.

Talvez essa sensação tenha sido a semente da ideia sionista na mente de Herzl, antes mesmo da condenação do capitão francês Alfred Dreyfus por traição, um episódio que passou a simbolizar a injustiça e o antissemitismo. Herzl cobriu o início do julgamento como correspondente em Paris do jornal vienense Neue Freie Presse e testemunhou os gritos de "morte aos judeus" no calor do affair.

Mais de meio século antes da solução final nazista, Herzl concluiu que o antissemitismo não podia ser derrotado, apenas evitado. E que para isso, os judeus precisavam de um Estado. O antissemitismo era um fenômeno que persistia profundamente na Europa, incluindo o país escolhido como sede para o primeiro congresso sionista, nem sempre associado às piores manifestações de antissemitismo, mas com uma história não menos obscena.

A poucos metros do hotel onde Herzl se hospedou, está situado o Museu Judaico da Suíça, que documenta em suas modestas instalações séculos de antissemitismo em terras helvéticas. Um quadro intitulado "Perseguição, Queima e Expulsão" traça uma cronologia da brutal discriminação contra os judeus de 1294 até 1560 na Suíça. E a história de segregação continuou. Só em 1876, 21 anos antes do primeiro congresso sionista, os judeus passaram a ter direitos iguais na Suíça e permissão para viver onde bem entendessem.

O museu tem uma seção dedicada ao movimento sionista em Basel, mas o acontecimento é praticamente ignorado no resto da cidade. No cassino onde ocorreu o primeiro congresso - ainda hoje cassino - não há referência ao evento. Tampouco há qualquer marco visível no Hotel Les Trois Rois, onde foi tirada a mais famosa fotografia de Herzl, debruçado na sacada do quarto número 117, diante do Reno, como se contemplasse o futuro Estado judeu.

Uma vez, dez anos atrás, entrei na luxuosa recepção do hotel e perguntei se havia alguma referência a Herzl. A recepcionista não reconheceu o nome e desconhecia de quem se tratava. Con-

sultou uma colega e a reação foi muda. Só numa terceira tentativa um gerente confirmou, timidamente, a conexão. Não obstante, o site do hotel na internet guarda um lugar de destaque em sua seção de reservas.

Por uma diária de 535 dólares pelo quarto de 22 m², o hóspede "é cativado pelo charme único de sua decoração e por sua história, pois foi aqui que Theodor Herzl estabeleceu a fundação do Estado de Israel em 1897", anuncia o hotel, finalizando num tom de anódino otimismo. "Este quarto simples, mas fascinante, com vista para o Reno, continua a trazer inspiração e paz até hoje".

Basileia e o mundo eram outros quando o primeiro Congresso Sionista foi inaugurado naquele domingo em 29 de agosto de 1897, primeiro dia do mês hebreu de Elul. Os 203 delegados de 117 países ainda não sabiam que impérios iriam desmoronar em breve, incluindo o Otomano, do qual fazia parte o território de Eretz Israel. Em trajes formais, se instalaram no salão de concertos do cassino, decorado em branco e azul, emoção à flor da pele. Começava a reunião política de judeus mais importante em quase dois mil anos.

Ironia que um cassino tenha sido palco do encontro. O projeto sionista de Herzl era na época uma aposta no mínimo arriscada. Não apenas pelas dificuldades em conquistar aliados no cenário mundial, mas pela rejeição à ideia entre muitas lideranças judaicas. O plano original de Herzl era realizar o congresso em Munique, mas a ideia foi barrada por rabinos alemães contrários aos ideais sionistas.

Dois meses antes do primeiro congresso sionista, a União dos Rabinos alemães publicou uma carta em que repudiava o conceito de um Estado judeu, afirmando que "os judeus constituem uma comunidade separada somente no tocante à religião". Os judeus alemães eram leais ao país em que viviam e aspiravam à assimilação, afirmaram, e o sionismo era um obstáculo. Tragicamente, a história provou que Herzl fez a aposta certa.

A batalha do pai do sionismo com rabinos ortodoxos continuaria ao longo de toda a caminhada sionista, de Basileia a Jerusalém, e perdura até hoje. Herzl certamente sentiria um clima familiar na aguda polarização entre religiosos e laicos em Israel. Judeu laico, com princípios liberais do Ocidente, provavelmente se sentiria incomodado com a separação nebulosa entre religião e Estado. Talvez também o surpreendesse o distanciamento entre religiosos e laicos.

Uma pesquisa do Instituto Pew de 2006, a primeira feita em Israel pelo prestigiado centro de estudos dos EUA, mostrou que as diferentes comunidades judaicas de Israel chegam a tal antagonismo que a maioria dos laicos prefere que seus filhos se casem com cristãos do que com judeus ultraortodoxos.

Durante o congresso sionista, Herzl, com toda a habilidade diplomática e o charme que também lhe serviram com estadistas e monarcas, buscou uma conciliação entre o "novo judeu" (que ele personificava) e os adeptos de uma visão mais tradicional.

Na visão de Herzl, o judaísmo era acima de tudo a ideia de povo, que só poderia ser materializada com soberania nacional. Para ele, os princípios eram maiores que as regras. Segundo Amnon Rubinstein, acadêmico e ministro da Educação no último governo de Yitzhak Rabin, "Herzl personificava o abismo entre Oriente e Ocidente. Sua ligação com o judaísmo era mínima, seu conhecimento das coisas judaicas, nebuloso".

E o que diria o pai do Estado judeu sobre o tema mais explosivo, a ocupação da Cisjordânia e a possibilidade de paz com os palestinos? Sabe-se que Herzl não considerava a questão territorial a mais importante no projeto sionista. O principal é o que se faz do território, pensava ele. "A essência de um Estado está na vontade do povo. Um território é meramente a base concreta."

Ex-editor de Corrente, foi correspondente em Genebra, Jerusalém, Pequim e Washington. Vive em Zurique

70 anos

DE LÁGRIMAS E ALEGRIAS

POR OSIAS WURMAN

Duas gerações recentes do povo judeu foram abençoadas. A primeira foi a que vivenciou os idos de 1948, quando David Ben Gurion declarou a independência do Estado de Israel, após mais de 2 mil anos de um exílio forçado. A outra é a nossa geração, que comemora, com muita alegria, os 70 anos do tão aguardado Estado Judeu, aberto para seus filhos provenientes de mais de 70 origens diferentes.

Há 70 anos, Israel era uma terra inóspita com áreas desertas e carentes de vegetação.

Hoje, o deserto foi transformado em um jardim florescente que irradia maravilhas para toda a humanidade.

Nas décadas de 50 e 60, os israelenses desenvolveram e aperfeiçoaram uma experiência revolucionária do verdadeiro socialismo, ao implantarem as cooperativas agrícolas, os kibutzim e moshavim, que se multiplicaram em todo o Estado recém-criado.

Atualmente, Israel se destaca como uma “nação inovadora”. As milhares de startups criadas nos últimos anos transformaram o país em um dos mais importantes centros mundiais de incubadoras de empresas.

As criações e inovações israelenses vão desde o tomate cereja até as usinas de dessalinização da água do mar, passando por uma vasta gama de produtos utilizados pelo mundo da computação, energia solar, equipamentos médicos, irrigação por gotejamento, telefonia celular, equipamentos de segurança e medicamentos genéricos e pioneiros.

Um país do tamanho de Sergipe, com população menor do que nove milhões de habitantes, já ganhou 12 prêmios Nobel nos mais diversos segmentos da premiação.

Lembro que, em 1968, quando visitei o país pela primeira vez, fiquei hospedado na casa de um primo de classe média econômica.

Todos os dias, como uma rotina infalível, ele me dizia para não deixar a água do chuveiro ligada, enquanto ensaboava o corpo, e que apagasse a luz dos cômodos ao sair do ambiente. Também as casas com jardim tinham uma cota para o consumo de água.

Naquela época, água e energia pesavam no orçamento familiar de forma destacada devido à escassez de recursos hídricos reinante no país.

Hoje, 80% da água potável consumida em Israel é proveniente da dessalinização e 87% da água servida é purificada e reutilizada na agricultura e outras diversas utilizações. Com isto, o problema da água foi totalmente superado.

Os avanços alcançados pela ciência e a tecnologia de Israel são espalhados mundo afora.

Vale lembrar que a ONG israelense “Innovation Africa” transformou a vida de um milhão de africanos, residentes em áreas remotas do continente, abastecidos com água e energia para sua agricultura, escolas e até hospitais.

Certa vez, o saudoso empresário brasileiro da comunicação, Adolpho Bloch, foi visitar o então primeiro-ministro de Israel David Ben Gurion. Logo na entrada, Adolpho ouviu a pergunta: “Como vai o presidente brasileiro que anda com os cabelos revoltos?”



FOI LUTANDO CONTRA AS ADVERSIDADES QUE O POVO ISRAELENSE ESCULPIU UMA SOCIEDADE RESISTENTE E SOLIDÁRIA



EM 70 ANOS, ISRAEL TRANSFORMOU-SE EM LAR DE IMIGRANTES DO MUNDO TODO



SOLIDARIEDADE E TRABALHO FORAM FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO DO PAÍS

EILAT E TEL AVIV: CIDADES MODERNAS QUE CONVIVEM COM AS DIFERENÇAS

Ben Gurion referia-se a Jânio Quadros que tinha feito uma visita a Israel, logo após sua eleição. Jânio foi acompanhado do famoso jornalista Castelinho, o Carlos Castelo Branco, do Jornal do Brasil.

Bloch respondeu que Jânio tinha renunciado. O primeiro-ministro olhou surpreso e disse: “Como pode um presidente renunciar em um país com tanta riqueza hídrica e que tem um rio como o Amazonas?”

“Ministro, o senhor tem, em compensação, o Rio Jordão!”, no que Ben Gurion retrucou: “O Rio Jordão tem muita história, mas água que é bom ele quase não tem!”.

Foi lutando contra as adversidades que o povo israelense esculpiu uma sociedade, resistente e solidária, que dedica sua existência à busca incessante do sucesso.

Muitas vitórias foram comemoradas, nestes 70 anos de vida, mas lágrimas não faltaram nas casas e famílias enlutadas por perdas de vidas humanas.

Desde a criação do Estado de Israel, mais de 23 mil israelenses tombaram defendendo a nação ou vitimados pelo terror fundamentalista.

Praticamente não existe uma família no país que não tenha perdido um parente ou amigo nas guerras que ameaçaram a existência da nação.

O grande sonho do povo de Israel ainda está por acontecer: a paz com todos os seus vizinhos, mas muito já foi alcançado nesta direção.

O Egito e a Jordânia vêm mantendo válidos os tratados de paz que assinaram com o estado Judeu.

Atualmente, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e outros países árabes, de maioria sunita, têm se aproximado de Israel em busca de estabilizar a paz e a segurança da região.

Em novembro do ano passado, visitei o prefeito de Jerusalém com alguns de meus colegas cónsules honorários de Israel, de diversos países, durante nosso encontro mundial na capital.

O prefeito abriu a fala dizendo que Jerusalém é realmente a Ir HaShalom – a Cidade da Paz! “Aqui coexistem 600 mil judeus com 300 mil árabes”.

Nir Barkat enfatizou que, apesar da mídia internacional noticiar com estardalhaço os incidentes na cidade, ela é mais segura do que as principais capitais mundiais. Exemplificou que as mortes violentas por 100 mil habitantes/ano são de 40 na África do Sul, nove nos Estados Unidos e um em Israel.

Perguntado sobre como os moradores da cidade reagem aos atentados, Barkat disse que 80% dos terroristas são abatidos no ato do ataque e enfatizou: “Aqui ensinamos que a reação aos atacantes é ‘fight’ (lute), enquanto na Europa os governos recomendam ao seu povo que ‘run and hide’ (corram e se escondam).”

A tão citada paz com a solução de dois estados, um judeu e o outro árabe, conforme prescrito pela “Partilha da Palestina” de 1947, e que foi recusada de imediato pelos países árabes, vai

se tornando algo quase impossível de ser concretizado.

Os palestinos estão divididos em duas facções – Fatah e Hamas – uma governando Gaza e a outra a Cisjordânia. Não existe uma unidade de pensamento, modo de viver, objetivos pacíficos de conviver com Israel e até na prática do Islamismo. Fatah é liberal e Hamas é fundamentalista.

De Gaza já foram lançados mais de 12 mil foguetes Qassam contra a população civil de Israel, nos últimos anos. Em seguida, foram criados túneis subterrâneos para eventual ataque às populações limítrofes em Israel. Mais recentemente, o Hamas lançou uma campanha para mobilizar sua população civil, infiltrada por terroristas camuflados, em uma tentativa de invasão coletiva, após a pretendida derrubada da cerca que fica na fronteira Gaza-Israel.

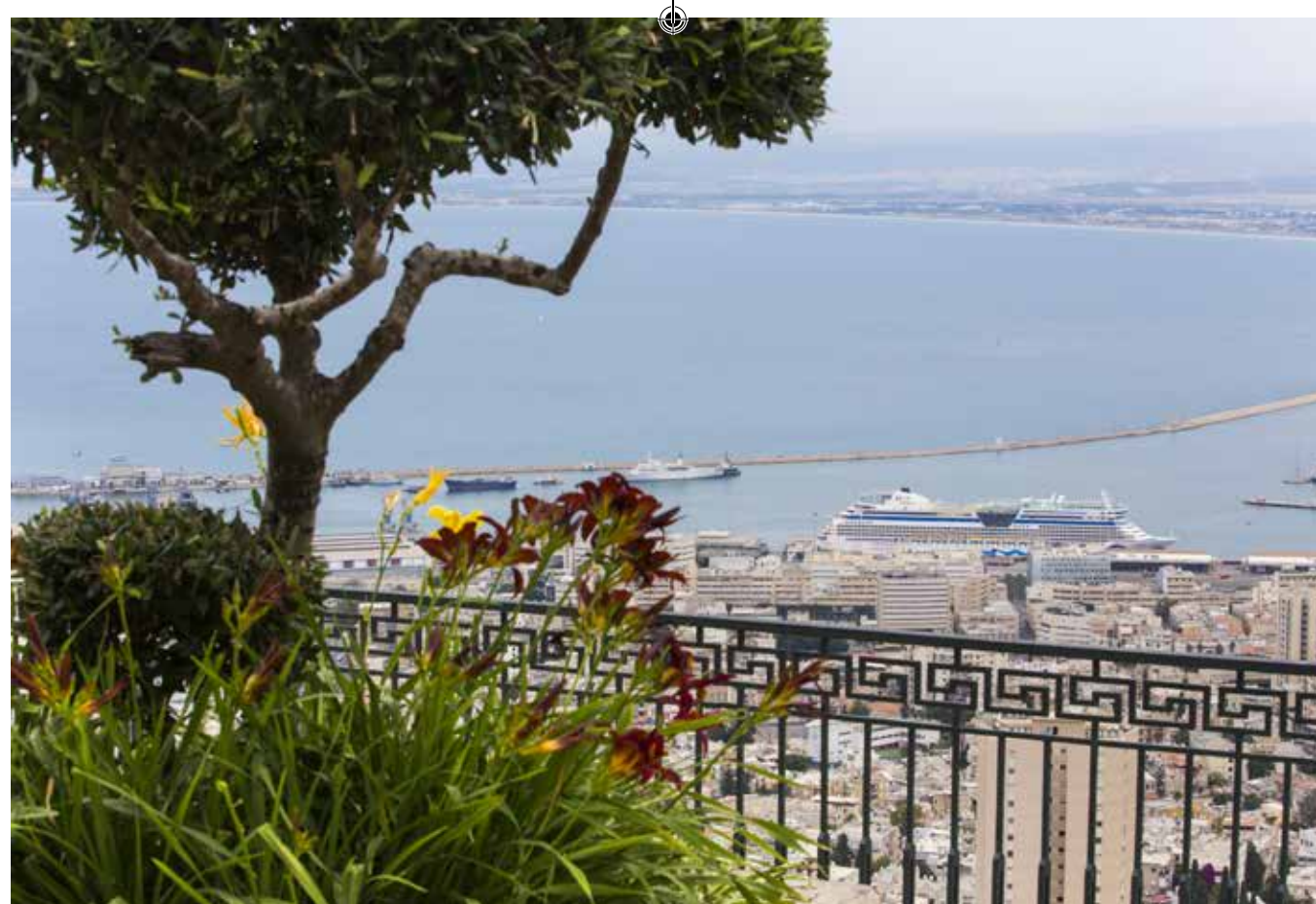
A IDF, Força de Defesa de Israel, neutralizou todas as tentativas acima relacionadas, usando a criatividade e a tecnologia dos israelenses.



Para neutralizar os foguetes, foi criado o sistema de defesa "Iron Dome" que derruba os Qassam antes que caiam em território israelense. Contra os túneis, uma técnica ainda não divulgada, já possibilitou a detecção e destruição de nove destas construções. Já no caso da tentativa de invasão, os próprios palestinos sentiram a total inviabilidade do ato quando foram colocados "snipers", atradores de elite, que atingiram os líderes das manifestações na zona de fronteira.

O mundo civilizado e a ONU deveriam apoiar a luta de Israel contra o terror e o fundamentalismo, mas o que tem acontecido é o inverso da lógica.

A ONU e suas agregadas como UNESCO e o Conselho dos Direitos Humanos, são useiros e vezeiros na condenação sistemática e repetitiva do Estado de Israel.



A BAÍA DE HAIFA VISTA DO MONTE CARMEL

Itamar Grinberg para o Ministério do Turismo de Israel

David Ben Gurion, quando liderava o governo de Israel, foi questionado sobre as críticas da ONU ao seu governo, já naquela época, e respondeu: "Não me importa o que diz a ONU e suas versões. O importante para mim é o que realmente fazemos".

Assim foram os 70 primeiros anos do Estado de Israel, um misto de lágrimas e alegrias, onde o Estado Judeu se transformou em um farol de democracia, ciência e tecnologia, em uma região majoritariamente governada por regimes ditatoriais, retrógrados e hostis.

Am Israel Chai – Que Viva o Povo de Israel !

Osias Wurman é cônsul honorário de Israel no Rio de Janeiro, ex-presidente da FIERJ – Federação Israelita do Rio de Janeiro e ex-vice-presidente da CONIB – Confederação Israelita do Brasil

QUE TAL VIAJAR COM
TRANQUILIDADE, DO SEU JEITO
E DENTRO DO SEU ORÇAMENTO?

ViAby
ROTEIROS PERSONALIZADOS

Rua Barão da Torre, 32 B / 208
Ipanema | Rio de Janeiro | RJ
(21) 99853-2753
aby@viaby.com.br
www.viaby.com.br

PAIXÃO, GARRA, OTIMISMO E EMPREENDEDORISMO.

Parabéns à WIZO, há 92 anos no coração deste país.
E que em 5779 possamos continuar esta caminhada
com saúde, paz e muito amor!

SHANA TOVA UMETUKÁ!



Telefone: 21 2502-1020 - www.sabenauto.com.br

Estácio, Tijuca, Niterói e Duque de Caxias



O PODER DA MULHER WIZO

NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

POR SARITA SCHAFFEL

Mais do que um nome, WIZO é um modo de ser. Mais do que uma ideia, a WIZO é uma vivência, que pressupõe valores baseados no que há de mais essencial no judaísmo. O ativismo WIZO foi liderado desde sempre por mulheres que, lembrando-se do sábio Hillel, tiveram a consciência despertada, no período entre as duas grandes guerras, de que "se não eu por mim, quem por mim? Se eu for só por mim, quem sou eu? Se não for agora, quando?".

O agora sempre esteve encharcado de razão e emoção, desde que nossas mães fundadoras, judias de origem inglesa, perceberam o valor da mão de obra feminina para construir um país fundamentado nos princípios sionistas. A educação das crianças sempre foi prioridade para o movimento, mesmo quando os pântanos se constituíam no cenário de Eretz Israel e o mandato inglês era a autoridade que deveria ser respeitada.

Por outro lado, bebemos, desde a nossa fundação, na fonte do movimento sufragista, que lutava pelo direito político das mulheres, como o direito ao voto. Também tivemos uma mulher WIZO, Rachel Cohen-Kagan, assinando a Declaração



de Independência do Estado de Israel. A nossa base de atuação sempre foi a democracia, a liberdade, o respeito à diversidade e a garantia dos direitos humanos.

A causa WIZO era tão inovadora e apaixonante naquele mundo masculino e racional da década de 1920, que logo se disseminou pela Europa e pelas Américas. No Brasil, a WIZO foi fundada em 1926, no Rio de Janeiro, por Scylla Shneider e, logo depois, um grupo surgiu em São Paulo, por iniciativa de Salomea Blaustein. A bandeira do sionismo, empunhada por mulheres, começou a ser desfraldada em nosso país pelas mãos WIZO.

Em uma época em que as comunicações eram tão precárias, impressiona a rapidez com que essa organização de mulheres judias voluntárias se desenvolveu, seguindo de forma fiel as ideias, que originaram a sua criação. Mesmo que em contextos muito diferentes, todas respeitavam as diretrizes que, já a partir de 1920, emanavam do coração de Israel, batendo já em ritmo frenético. Sempre trabalhamos em grupos. As noções de pertencimento e de comprometimento, em relação à WIZO, permeiam a nossa identidade judaica, através dos tempos.

Nos anos terríveis do nazismo na Europa, vários grupos WIZO na Europa Oriental foram aniquilados, na expressão física do termo. Na Polônia, foram 102 grupos; na Bulgária, 23 e, na Romênia, 69 grupos. Antes da guerra, éramos 110 mil membros e, depois, fomos reduzidas a 55 mil ativistas. Hoje, somamos 250 mil.

Estivemos, desde o início, de prontidão nos portos israelenses para acolher os sobreviventes do Holocausto, dando condições para que eles pudessem refazer as suas vidas com dignidade. Da mesma forma, participamos do resgate da população que foi expulsa dos países árabes, por ocasião da guerra da independência.

Falando em imigração, a WIZO destacou-se tanto na recepção, como na adaptação de um milhão de russos que, no final dos anos 1980, migraram para Israel. Da mesma forma, abriu as suas instituições para milhares de judeus etíopes, conhecidos como "Falachas", que foram resgatados na Operação Salomão. A cada nova demanda, a cada desafio, as líderes WIZO, ao redor do mundo, são capazes de provocar mobilizações gigantescas, em busca de garantir uma condição de vida digna para a população israelense, mesmo em tempo de guerra.

Não fazemos caridade. Trabalhamos para que o círculo vicioso da pobreza de nossas crianças, jovens e mulheres se transforme em círculo virtuoso, trabalhando pela inserção desses carentes no tecido social da sociedade.

As nossas creches, escolas profissionalizantes e aldeias juvenis desenvolvem projetos pedagógicos, que respeitam a individualidade e o potencial de cada aluno, independentemente de etnia, origem social ou religião. Acolhemos crianças com necessidades especiais, sempre visando o seu crescimento e a garantia do exercício pleno de sua cidadania.

A nossa luta contra a violência doméstica extrapola o discurso, fazendo parte da rotina de vida de mulheres maltratadas, que encontram acolhimento psicológico e assistência jurídica em nossos centros.

O nosso foco é o povo israelense, independentemente do partido que esteja no poder. Somos, assim, uma instituição apartidária, que luta pela melhoria do status da mulher. Fazemos lobby para que as leis que protegem os direitos das mulheres sejam aprovadas no Knesset.

Ao redor do mundo, inclusive no Brasil, onde temos atualmente treze centros espalhados pelo território nacional, participamos, também, de projetos locais, baseados nesses mesmos princípios de justiça social.

Como que para referendar esse ideário, contamos com a participação ativa de Simone Weil, entre nossas ativistas, até o ano passado, quando faleceu. Política, feminista, defensora dos direitos humanos, sobrevivente do Holocausto, ela atuou na WIZO França. Eleita presidente de honra, participou de vários congressos de nossa organização em Tel Aviv.

"Eu acredito que Simone Weil não escolheu ser um membro WIZO por acaso", disse Joelle Lezmi, presidente da WIZO França. Os nossos valores e os nossos ideais, desde Rebeca Sieff, nossa mãe fundadora, sempre fizeram parte de sua vida.

Eu acredito, também, que esse movimento, que está quase completando um século, foi escolhido para fazer parte da vida de centenas de milhares de mulheres, como Weil, porque a WIZO reflete o poder das mãos femininas, o lampejo da intuição, o calor do acolhimento e o aflorar do sentimento de mulheres comprometidas em legar, com o seu trabalho, a tradição e a cultura judaica, lançando-se ao desafio de trabalhar pelo Tikun Olam, para que as próximas gerações possam viver em uma sociedade mais justa, mais igual e mais pacífica, em Israel e em todo o mundo.

Sarita Schaffel é ex-presidente da WIZO Brasil e ex-presidente da FIERJ



Judeus húngaros chegam ao campo de concentração de Auschwitz, na Polónia, em 1944
Bundesarchiv, Bild 183-N0827-318 / CC-BY-SA 3.0

O PRENÚNCIO DO HOLOCAUSTO

POR ZEVI GHIVELDER

■ ■ HÁ EXATOS 80 ANOS, UMA REUNIÃO ENTRE LÍDERES POLÍTICOS SELAVA O DESTINO DO POVO JUDEU



■■■
A CONFERÊNCIA DE EVIAN PARA REFUGIADOS NÃO REGISTROU DEBATES, REGISTROU UMA VERGONHOSA UNANIMIDADE. O MUNDO INTEIRO REALMENTE NÃO ESTAVA PREOCUPADO COM A SORTE DOS JUDEUS



Chefe da delegação americana, Myron Taylor, discursa durante a Conferência de Evian para refugiados judeus do Nazismo alemão, em Evian-Les-Bains, França, no dia 15 de julho de 1938
— National Archives and Records Administration, College Park, Md.

Os registros históricos apontam que a Europa viveu um ano de intensas convulsões políticas em 1938, há 80 anos, portanto. No mês de março ocorreu o Anschluss, a tranqüila anexação da Áustria pela Alemanha nazista. Eufóricos, os vienenses abarrotaram as ruas de sua capital para aplaudir o Führer e seu séquito de criminosos de guerra em gestação.

No fim de setembro daquele ano, Hitler convocou uma conferência na cidade de Munique com a finalidade de decidir o destino de três milhões de alemães que viviam na região dos sudetos, na Checoslováquia, como consequência de um novo traçado de fronteiras resultante da dissolução do império austro-húngaro. Em síntese, Hitler ali impôs que se não obtivesse a região dos sudetos por bem a ocuparia pela força, ameaçando uma guerra na Europa.

As duas maiores potências daquela época, França e Inglaterra, representadas por seus chanceleres, Édouard Daladier e Neville Chamberlain, cederam à chantagem nazista e assina-

ram o infame Pacto de Munique no dia 29 de setembro, junto com Mussolini. A Checoslováquia, principal interessada, não foi convidada para a conferência e já no dia 1º de outubro viu sua fronteira invadida por tropas nazistas.

Quando retornou a Londres, Chamberlain foi aclamado como um herói, como um ardiloso garantidor da paz no continente. No entanto Winston Churchill lhe disse de forma profética: “Entre a desonra e a guerra, você escolheu a desonra; e por isso mesmo terá uma guerra”.

Churchill sabia o que estava dizendo. Pouco depois, no dia 9 de novembro, as milícias nazistas promoveram em Berlim a Noite dos Cristais, uma alusão às vitrines das lojas de comerciantes judeus, que foram destruídas e saqueadas. Até então, aquela tinha sido a mais violenta e explícita ação antissemita na Alemanha já empenhada no cumprimento das leis raciais que tinham como alvo os judeus.

A anexação da Áustria e a implacável perseguição aos judeus no chamado Terceiro Reich de-

ram origem a um contingente de 50 mil refugiados, judeus que não tinham aonde viver e nem aonde morrer. Em face da submissão a Hitler por parte da França e da Inglaterra, esses refugiados voltaram suas esperanças para os Estados Unidos. Àquela altura, entretanto, os americanos começavam a se recuperar da grande depressão da década de 30 e as portas para a imigração estavam praticamente fechadas e poucos judeus alemães conseguiram obter vistos para os Estados Unidos a título de reunião de famílias.

Mesmo assim, coube ao presidente Franklin Roosevelt a iniciativa de propor a realização de uma ampla conferência internacional dedicada a solucionar o problema daquela massa de refugiados. A reunião foi marcada para o dia 15 de julho no Royal Hotel, na cidade de Evian, França, uma luxuosa e concorrida estação de águas. Ao todo, compareceram 32 delegações, sendo nove europeias, 20 latino-americanas e três da Comunidade Britânica. Por motivos óbvios a Alemanha não foi convidada. Portugal ficou fora por decisão de Sa-



Soldados nazistas em frente a uma loja em Berlim colando uma placa com os dizeres: “Alemães! Defendam-se! Não comprem de judeus”

No dia 10 de novembro de 1938, em Berlim, as vitrines das lojas de donos judeus foram atacadas e despedaçadas, durante a chamada “Noite dos Cristais”

Fotos: Bundesarchiv, Bild

lazar e a Itália de Mussolini recusou-se a compacer, solidária com a Alemanha. A União Soviética, fiel a seus expurgos estalinistas e ações antisemitas não quis nem ouvir falar.

A Conferência de Evian para Refugiados não registrou debates, registrou uma vergonhosa unanimidade. O mundo inteiro realmente não estava preocupado com a sorte dos judeus. A Suíça, tradicional acolhedora de refugiados, disse que sua contribuição para tal questão estava esgotada. A França declarou que já tinha abrigado milhares de judeus oriundos da Áustria. A Inglaterra afirmou que nada poderia fazer porque detinha um mandato sobre a Palestina e receber judeus poderia desagradar aos árabes daquela região. Na verdade, os discursos feitos pelos delegados em Evian não passaram de tertúlias inúteis e evasivas. O único país que se comprometeu a receber expressivo número de judeus foi a República Dominicana, desde que estes se dedicassem a atividades agrícolas, algo pouco pa-



■■■■

A INUTILIDADE DA CONFERÊNCIA SERVIU PARA EXALTAR A PRIMAZIA DA TERRA SANTA NÃO SOMENTE COMO ABRIGO PARA REFUGIADOS, MAS COMO UM LAR NACIONAL PARA O POVO JUDEU

latável para os comerciantes, artistas e profissionais liberais, judeus de Viena e arredores.

Nas fileiras sionistas, o ceticismo com relação à Evian era total. Chaim Weizmann, presidente do Congresso Sionista Mundial, não hesitou em declarar que Evian seria “uma perda de tempo porque os países lá presentes vão priorizar seus interesses e ficarão surdos para quaisquer razões de ordem humanitária”. Ele inclusive se recusou a participar da Conferência argumentando que o delegado inglês, Lord Winterton, mantinha notória hostilidade contra os judeus e o delegado americano, Myron Taylor, não lhe inspirava a menor confiança. De qualquer maneira, a Agência Judaica se fez representar em Evian por dois enviados especiais, Golda Meir (então Myerson) e Nahum Goldmann. Além de assistirem às sonolentas sessões, eles entregaram aos delegados pilhas de documentos e mapas, enfatizando que somente a Palestina poderia abrigar os refugiados. Ambos tiveram que ouvir calados uma série de propostas inócuas que, entre



outras opções descartáveis, apontavam a Guiana Inglesa, a Rodésia e as Filipinas como possíveis acolhedores de refugiados judeus. Contudo, a inutilidade da Conferência de Evian serviu para exaltar a primazia da Terra Santa não somente como abrigo para refugiados, mas como um lar nacional para o povo judeu.

Finda a Conferência, o embaixador do Brasil na França, Luiz Martins Souza Dantas, mandou um longo telegrama para Oswaldo Aranha, então ministro das relações exteriores, descrevendo a atuação do diplomata Hélio Lobo, representante do Brasil na Conferência de Evian. Em síntese, o telegrama dizia que o Brasil se alinhava com a posição dos Estados Unidos, além de destacar alguns casos pontuais para os quais pedia a interferência do ministro.

Com a consciência decerto mobilizada pelo fracasso de Evian, o embaixador Souza Dantas doravante viria a ocupar um papel de grande relevância nos destinos de milhares de judeus perseguidos pelo nazismo. Enquanto embaixador na Fran-

ça, ele passou a conceder o maior número possível de vistos para judeus que aceitassem emigrar para o Brasil. Quando a França se rendeu à Alemanha e passou a ocupar apenas parte de seu próprio território, supostamente autônomo, tendo Vichy como capital, Souza Dantas transferiu a embaixada brasileira para aquela cidade, onde continuou dando vistos a judeus fugitivos do nazismo. Ao mesmo tempo, enviava cartas para o Itamaraty manifestando seu repúdio ao “truculento regime nazista”. Em 1940, o embaixador recebeu uma advertência administrativa do ministério, no Rio de Janeiro, por “seu excesso de concessões”. Apesar de ameaçado de perder o cargo, Souza Dantas continuou protegendo os judeus. Entretanto, seu altruísmo foi golpeado no ano seguinte por outra instrução do Itamaraty, desta vez proibindo a emissão de documentos especificamente para judeus. No fim de 1941, o embaixador já tinha concedido cerca de nove mil vistos para os refugiados.

Em 1942, os alemães rasgaram o protocolo que haviam assinado com a França colabora-



Libertação dos prisioneiros do Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau pelo Exército Vermelho

O Embaixador brasileiro Souza Dantas recebeu o título de “Justo entre as Nações”

cionista de Pétain e Laval e ocuparam a região comandada por Vichy. Em novembro daquele ano, a Gestapo violou a imunidade diplomática da embaixada brasileira e, no mais grosseiro desrespeito às leis internacionais, prendeu o embaixador na cidade alemã de Bad Godesberg. Por interferência da Cruz Vermelha Internacional, Souza Dantas só foi libertado em maio de 1944. Voltou ao Brasil e, em dezembro, o ditador Getúlio Vargas inscreveu seu nome no Livro do Mérito Nacional. No ano seguinte voltou a atuar no cenário internacional e morreu em Paris no dia 4 de abril de 1954. O nome de Souza Dantas hoje está assinalado em outro livro, o “Livro dos Justos”, no Yad Vashem, o Museu do Holocausto em Jerusalém.

Diplomatas que conheceram Souza Dantas dizem que ele raras vezes se referia à Conferência de Evian que, na sua avaliação, conforme repetia, foi o prenúncio do Holocausto.

Zevi Ghivelder é escritor e jornalista



Aliá

DESAFIOS DE UMA NOVA PÁTRIA

COMO É A VIDA DE BRASILEIROS QUE EMIGRARAM PARA ISRAEL E COMO ISRAEL PODE ADAPTAR-SE ÀS MUDANÇAS SOCIAIS

POR MARCELO STAREC

Após o fim da guerra árabe-israelense (1948-1949), o Estado Judeu tinha 800 mil cidadãos, dos quais 650 mil judeus. Havia muitas dificuldades, como pobreza, falta de alimentos, moradia e remédios. A Mediná (Estado) precisou receber o que, para a época, era um contingente enorme: judeus que viviam há séculos no mundo árabe foram expulsos e a maioria se dirigiu para Israel. Essa foi a primeira grande experiência de aliá (imigração) após a independência. O país, que mal estava em condições para cuidar da sua própria população, teve que receber centenas de milhares de judeus que, desprovidos de seus bens, chegavam à Terra Prometida apenas com a roupa do corpo. Um grande desafio, ainda hoje, para o Estado Judeu é receber os novos cidadãos e integrá-los social e culturalmente na nova pátria. São crianças que precisam ir à escola, adultos que buscam traba-



lho e idosos que necessitam de cuidados especiais. Há o fator da língua também.

A aliá do Brasil tornou-se muito relevante nos últimos anos: já são mais de 20 mil brasileiros morando em Israel e esse número aumenta ano após anos. Desde sua fundação, em 1948, Israel sempre recebeu imigrantes brasileiros: historicamente, a média era de 150 a 200 por ano. Desde 2014, este número vem crescendo, passando de mais de mil brasileiros que escolhem Israel como novo lar, anualmente. Eu me encaixo nesse grupo. Para mim, a aliá foi algo natural, resultado de uma preparação de vida. No entanto, não foi fácil.

Desde jovem, minhas viagens a lazer eram quase sempre para Israel. Assim, posso dizer que conheci o país em épocas distintas. Nos últimos anos, com uma situação econômica mais difícil para mim, surgiu a oportunidade de realizar esse sonho. A atual insegurança no Brasil também é um ponto importante nesta tomada de decisão.

“A situação piorou nos últimos tempos, não mais permitindo passar o dia a dia sem riscos”, assegura Paulo Rabinovitch. Brasileiros que hoje migram para quase qualquer lugar ficam encantados com a possibilidade de ter uma vida normal e andar pelas ruas a qualquer hora, sem medo. Quando aqui cheguei, por mero hábito, andava muito atento pelas ruas, mas logo relaxei, pois embora existam aqui batedores de carteira e furtos a residências, assalto com violência é algo que, de fato, não há. A não ser, pontualmente e excepcionalmente, em uma joalheria,

por exemplo. Assim, quanto a isso, Israel oferece uma mudança muito positiva aos olim (imigrantes) do Brasil.

A moradia é importante obstáculo a ser enfrentado. O custo de moradia é alto e há muita burocracia envolvida no aluguel: comprovação de renda e emprego e fiador, por exemplo. No entanto, o governo dispõe de centros de absorção, onde o *oleh*, dependendo da idade e do número de vagas, pode passar algum tempo, a partir de sua chegada. Esses centros são pagos, mas cobram valores abaixo do mercado, sem exigir tantas burocracias.

Algumas pessoas não aguentam a pressão e acabam retornando ao Brasil. Outras, porém, dão a sorte de terem vizinhos que ajudam – inclusive brasileiros – nesta etapa, seja ajudando na documentação, seja doando utensílios e móveis.

“Os vizinhos me ajudaram no início, me convidando para passar, com eles, o Rosh Hashaná”, conta Hamilton Goldfarb. Eu também tive uma boa experiência: encontrei uma pequena unidade para alugar, dentro de uma casa grande. A proprietária e eu tivemos um bom relacionamento e sua filha me auxiliou na elaboração do contrato.

O custo da educação e da saúde é fundamental na adaptação da nova vida e, em Israel, a educação é de boa qualidade. Os filhos dos imigrantes em idade escolar recebem, em paralelo com as matérias normais, cursos de hebraico para a adaptação. O acesso à saúde pública também tem qualidade razoável. No entanto, há fi-

las e é comum esperar para ser atendido. As consultas são rápidas e os médicos evitam, ao máximo, requisitar exames caros.

A medicina pública em Israel é orientada pelo custo e buscará sempre o melhor custo x benefício de cada procedimento, tendo em vista que possa entregar o melhor resultado para toda a população, dentro do orçamento disponível. Nos Estados Unidos, os exames são detalhados, a fim de evitar quaisquer erros. No entanto, essa é uma lógica individual e privada: quem não puder arcar com os custos, fica sem o cuidado. A saúde pública israelense recebe, de braços abertos, todos os imigrantes, independentemente da idade e, até mesmo, de qualquer doença pré-existente.

Há algum tempo, já em Israel, sofri um acidente. Nos três meses em que fiquei hospitalizado, tive a oportunidade, não apenas de ser forçado a praticar o hebraico o tempo todo, bem como conhecer realidades e conviver com pessoas que normalmente não seria possível. Havia árabes israelenses no hospital, assim como árabes de Gaza e da Judéia e Samaria (Cisjordânia). Foi realmente muito interessante conviver, conversar e ouvir o que pensam os árabes que vivem nesses locais. Um ponto realmente me chamou a atenção: os árabes dos territórios estão muito insatisfeitos com os governos aos quais estão subordinados (Hamás e Autoridade Palestina) e têm muita expectativa de que Israel os ajude a encontrar um caminho onde possam se libertar de governos tiranos. Por outro lado, há uma total falta de

Marcelo Starec em três momentos da sua nova vida em Israel: da esquerda para a direita, o autor e seus colegas brasileiros comemorando Iom Haatzmaut, fazendo um piquenique no parque Elisheva, em Ashdod, e em um encontro de imigrantes em Netanya



imigrantes, há que se ter uma economia saudável, que ofereça oportunidades de trabalho, um país seguro e forte e, além de tudo, ter uma vontade própria para fazer um investimento que contribua efetivamente na integração bem sucedida dos olim que chegam a todo tempo. Esse investimento é muito grande, mas o resultado tem sido positivo. Entretanto, o processo de integração é longo e complexo. Israel, ao contrário de diversos outros países, não impede ninguém de vir por fatores como idade, doenças pré-existentes, invalidez ou capacidade financeira de se manter em solo israelense. Isso faz parte do caráter do país e é um importante compromisso do Estado de Israel com todo o povo judeu e que se renova a cada dia e a cada aliá.

Marcelo Starec é economista e Mestre em Administração pela Coppead. É colaborador da revista Euromoney. Marcelo vive em Israel desde novembro de 2015.

■■■■
A ALIÁ CONTINUA
ACONTECENDO E
GERANDO DESAFIOS
PARA ISRAEL,
PAÍS QUE DESDE A
INDEPENDÊNCIA TEM
COMO META SER O
ESTADO-NAÇÃO PARA
TODO O POVO JUDEU

confiança e esperança de que os seus próprios governos ou os demais países árabes façam algo de construtivo para eles.

Há uma imensa diferença entre ser um turista e um oleh. Como turista tudo parece simples e fácil! Israel é um país bonito e agradável, onde somos muito bem tratados e tudo acontece de bom. Quando você chega aqui para viver, é tudo diferente. A integração plena ao país é sempre um processo longo e complexo e não há

como ser diferente. A cada dia, sinto-me mais adaptado, mais tranquilo para vencer as dificuldades do dia a dia e mais confiante, não por aquele “amor idealizado” que os judeus que vivem longe costumam sentir em relação ao Estado Judeu, mas por um sentimento forte e maduro em relação a um lugar que tem defeitos (onde não há?), mas que tem belas qualidades e oportunidades.

O exército é um ponto a ser destacado. Todos, ao terminarem o segundo grau, com 18 anos, precisam se alistar e servir. É algo a que

os brasileiros, e também outros olim, não estão habituados. Apesar de o risco de um jovem morrer passeando pelas noites cariocas ou paulistas ser muito maior do que no exército de Israel, existe toda uma dificuldade para as famílias lidarem com esse desafio. “Meu filho serviu e, agora, é a vez da minha filha. Está sendo muito difícil passar por esta fase”, conta Ilana Feuerstein. A liberdade e a tolerância são valores muito apreciados e levados a sério pela sociedade israelense, onde é comum se ver, em um mesmo espaço público, judeus muito religiosos, laicos, homossexuais, lado a lado de árabes muçulmanos, trajados a rigor, e praticando os seus cultos. “Israel é um país livre e, em relação à religião, cada um faz como quiser”, explica Daniel Wolokita. Isso é fato e qualquer um que ande pelo país pode ver, de forma cotidiana, essa linda coexistência entre grupos tão diferentes, que vivem lado a lado com total respeito.

Estamos celebrando setenta anos da independência do Estado Judeu e a aliá continua acontecendo e gerando desafios para Israel, país que desde a independência tem como meta ser o estado-nação para todo o povo judeu. Um objetivo que envolve grande compromisso com todos os judeus, em qualquer parte do mundo. Com o intuito de atrair os potenciais

*A Wines and Roses
parabeniza o Estado de
Israel pelos seus 70 anos
de fundação e a WIZO
Brasil pelos 92 anos de
trabalho voluntário em prol
do Povo de Israel!*



Wines And Roses

*Comércio de bebidas finas
Há 18 anos realizando festas e eventos*

(21) 2563-8600 / (21) 2293-0097

Siga-nos também nas redes sociais!

wr@winesandroses.com.br

[Facebook.com/winesandroses](https://www.facebook.com/winesandroses)

[@winesandroses](https://www.instagram.com/winesandroses)



Alberto Dines

UMA VIDA SEM PONTO FINAL

■ ■ ■
A TRAJETÓRIA DE UM
DOS NOMES MAIS
IMPORTANTES DA
CULTURA BRASILEIRA

POR BRUNO THYS

Em maio último, morreu em São Paulo o jornalista, escritor e crítico Alberto Dines. Aos 87 anos, estava com a mente impecável e trabalhou até seus últimos dias. Cumpriu uma extensa pauta de vida. Lembrar de Alberto Dines é reverenciar duas grandes gerações: a de seus pais que, a exemplo de Moisés, se lançou ao mar em busca de uma vida digna, longe da opressão na Europa; e a dele própria, que cumpriu a lenda do Patriarca Abraão, o “lech lechá”, que pode ser entendida como um chamamento à busca de um lugar no mundo. Em sua jornada, Dines tornou-se uma das mais cintilantes estrelas de sua geração, a primeira de judeus nascidos no Brasil. Sua contribuição à cultura do país será lembrada pra sempre.

Da geração de seus pais, herdou a cultura ancestral. Dines tinha sólida formação humanística e suas raízes remontam à Haskalá, o iluminismo judaico que floresceu na Europa Ocidental nos séculos 18 e 19. Este movimento pregava a interação da sabedoria judaica com a cultura europeia e produziu nomes como Einstein, Freud, Herzl e Stefan Zweig, o grande biógrafo austríaco que, muitos anos depois, seria biografado por Dines. A essa sólida base, aliava o espírito crítico, o inconformismo, a ousadia e a determinação, marcas que imprimia aos inúmeros projetos que abraçou na vida.

■ ■ ■
DINES ESTÁ
PARA A CULTURA
BRASILEIRA, ASSIM
COMO O ESCRITOR
PHILIP ROTH, QUE
MORREU DIAS
ANTES, ESTÁ PARA
A DOS ESTADOS
UNIDOS

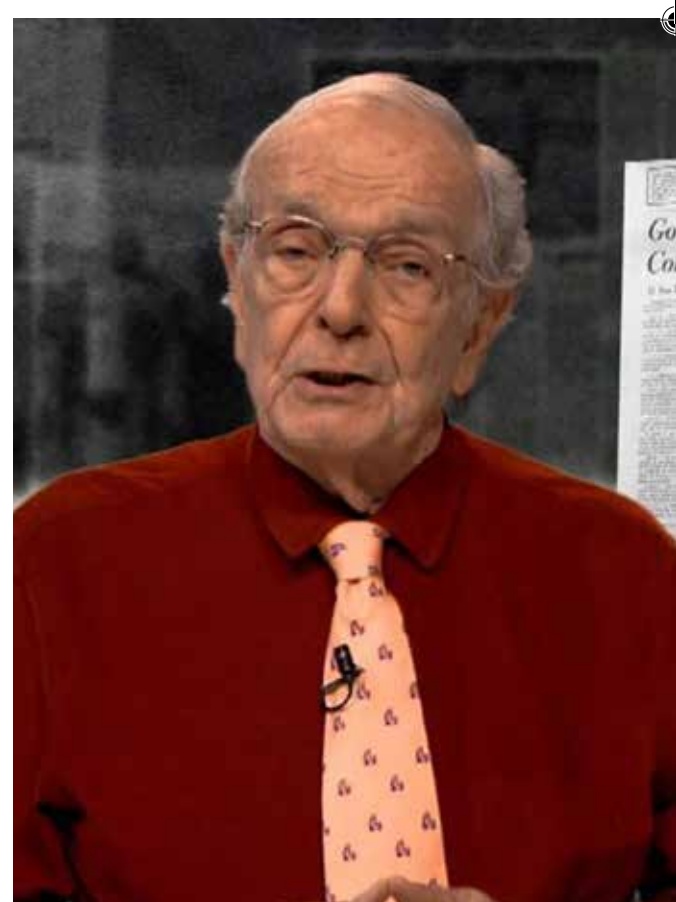
Dines era um realizador inquieto e inspirado, o que torna difícil destacar, entre tantos e tão distintos feitos, os mais relevantes. A grande reforma do Jornal do Brasil, nos anos 60, talvez tenha sido o mais impactante. O JB tornou-se modelo e padrão da imprensa brasileira, referência de excelência em jornalismo, que inspirou sucessivas gerações e ajudou a formar uma legião de leitores. Dines conseguiu harmonizar forma e conteúdo, em um alinhamento absolutamente inédito até então. Ainda hoje, mais de 50 anos depois, o modelo de jornal construído por ele, mantém-se atual. No mesmo JB, ele implantou um departamento de pesquisa que, segundo Fernando Gabeira, que ali trabalhou, era uma espécie de Google da era analógica. E seus dribles incríveis na censura, a qual nunca se curvou, ganharam lugar na história contemporânea e alguns viraram lenda.

Alberto Dines elevou o patamar da imprensa no Brasil. Ele entendia que a credibilidade e a força dos veículos de comunicação, notadamente dos jornais, seriam tão maiores quanto fosse sua capacidade de se comparar aos concorrentes, acolher a crítica de seus leitores e de se autocriticar. Ainda no JB, lançou os Cadernos de Jornalismo e Comunicação voltados para a reflexão da imprensa brasileira. Foi também idealizador da coluna “Jornais dos jornais”, na Folha de São Paulo, que daria origem à figura do ombudsman. Em 1996, criaria o Observatório da Imprensa, que já nasceu na Internet, também destinado ao debate sobre a atividade no país.

Poucos profissionais se movimentavam com tanta personalidade e desembaraço pelos campos teóricos e práticos da profissão. Jornalismo para ele não era uma atividade, mas o próprio sentido da vida. Tinha conhecimento técnico e sensibilidade para escolher e editar, apurar, entender, processar, produzir e distribuir ou, mais modernamente, compartilhar. Fazia tudo isso com muita paixão. Para Dines,



SEU MAIOR LEGADO TERÁ SIDO MOSTRAR, COM SEU PRÓPRIO EXEMPLO, QUE A PAUTA DE NOSSAS VIDAS DEVE SER QUESTIONADA E SUBVERTIDA



a função do jornalismo, pilar da sociedade moderna, era a de informar e de ajudar a formar o cidadão. E nesse sentido, ele foi sempre extremamente generoso em dividir o seu conhecimento e experiência desenvolvidos ao longo de uma jornada iniciada muito jovem ainda, como fotógrafo de revista e, depois, repórter.

Sua intensa atividade acadêmica é prova disso: foi professor em universidades brasileiras, deu aula na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e criou o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, na Unicamp, que se tornou referência na América Latina. Ou seja, Dines alternava sua presença no front e no quartel. Aliava visão crítica e honestidade intelectual sem filtros ideológicos, mas humanísticos. Era um ser humano com raízes profundas e muitas vezes voltava-se ao passado para dirimir dúvidas do presente ou enfrentar questionamentos sobre o futuro. Costumava citar um texto de 1808, de Hipólito José da Costa, patrono da imprensa no Brasil, quando indagado sobre o papel do jornalista: “o primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela”, dizia.

Estar diante de Dines, ou de um texto seu, significava percorrer um caminho que incluía, no trajeto, as perguntas: o que?, quem?, quando?, onde?, como? e por que? Sua imensa curiosidade, aliás, uma marca dos grandes inovadores, o levou a escrever livros relevantes para o país e traduzidos em vários idiomas: “O Papel do Jornal e a Profissão do Jornalista”, “Morte no Paraíso”, a sensacional bio-

grafia do grande biógrafo Stefan Zweig, “Vínculos de Fogo”, extraordinária obra sobre a inquisição no Brasil, evidenciam todo o seu talento de repórter. Os três títulos são grandes reportagens. Dines teve a virtude de cedo entender que seu combustível, sua força seminal era sua curiosidade e escolher uma atividade em que pudesse colocá-la a serviço da sociedade, como pregava Hipólito da Costa.

Fui apresentado a Alberto Dines duas vezes na vida. Em sua casa, em Copacabana, aos quatro ou cinco anos de idade, onde ia brincar com Arnaldo, um dos seus quatro filhos e meu colega de jardim de infância; e na universidade, onde à menção do meu sobrenome, ele reagiu: “conheço você há duas gerações”. De fato ele, meu pai e o cineasta Saul Lachtermacher fizeram, em 1952, um filme em São Paulo, “O Craque”, drama de um jogador de futebol, estrelado pelo ator Carlos Alberto. Ao longo da vida, estive muitas vezes com ele em congressos, no seu programa de TV, em redações e, vez por outra, na ponte-aérea. Mas eram seus telefonemas eventuais que me fascinavam. Ele ia direto ao assunto. Sem que eu perguntasse, fazia críticas ao meu trabalho, pedia minha opinião sobre um ou outro assunto. Eram “coachings” incríveis e de graça!

Invariavelmente, ele começava a conversa assim; “Olha aqui...”

No jornalismo, cada pauta é uma história e cada história, uma vida. E algumas delas são muito especiais. Alberto Dines foi autor e protagonista de uma dessas trajetórias incomuns: um intelectual visceral, que usou sua inteligência e lucidez não pa-

ra disputar uma partida, mas para mudar o jogo. Chama a atenção a sua capacidade de criar, transformar e inovar. Foi assim com o jornalismo, com os livros, com a crítica, tarefa que exerceu todos os dias de sua vida e com a atividade didática. Dines era, sobretudo, um Mestre. Entre tantos momentos importantes, devo a ele o sonho de trabalhar no Jornal do Brasil.

Dines nos ensinou que, diferente da música, no mundo da notícia a pauta é uma aposta, muitas vezes difusa e imprecisa sobre determinado tema e uma consolidação de itens a serem trabalhados. Ainda é cedo pra escrever sobre ele. Sua vida teve um ponto final, mas sua obra é eterna. Alberto Dines foi um dos grandes nomes do jornalismo. Seu maior legado terá sido mostrar, com seu próprio exemplo, que a pauta de nossas vidas deve ser questionada e subvertida ininterruptamente e en-

tender a evolução como uma jornada. Jamais parar de aprender.

Poucos jornalistas foram tão ativos e inovadores quanto ele. Suas marcas e influência permanecem impressas em todos os veículos importantes do país. Dines está para a cultura brasileira, assim como o escritor Philip Roth, que morreu dias antes, está para a dos Estados Unidos. Ambos saíram do ambiente protegido de suas famílias, ainda impregnados da vida nas aldeias da Europa e, através da curiosidade e com a lente do humanismo, desbravaram seus países e contribuíram para as respectivas culturas.

Ah! E os defeitos? Dines não me perdoaria se eu escrevesse um texto sobre ele ou quem quer que fosse, contendo só elogios. Ele tinha defeitos, claro! Mas, como já me alonguei aqui, fica para a próxima.

Bruno Thys é jornalista

CONFECCIONE A JOIA QUE VOCÊ SEMPRE SONHO

AVALIAÇÃO, RESTAURAÇÃO E CONSERTOS SEM CUSTO



ATELIER

LUNA

JOIA CONTEMPORÂNEA

55 21 999247924





Simchat Torá

E OS 70 ANOS DE ISRAEL

CELEBRAR O INÍCIO E O FIM DOS CICLOS É TÃO IMPORTANTE QUANTO RECONHECÊ-LOS

Simchat Torá é uma das festividades religiosas de nosso calendário estabelecidas mais recentemente. Apesar de alguns vincularem o início de sua celebração ainda ao período final do Segundo Templo, foi, de acordo com a maioria das fontes, uma criação da dispersão (galut), entre os séculos IX e X. Foi somente nesta época que se universalizou nas comunidades judaicas a leitura da Torá por meio de um ciclo anual, com trechos bem definidos para cada semana e celebrações, uniformizando o momento do calendário em que o ciclo terminava, para simultaneamente reiniciar, e que passou a ser conhecido como Simchat Torá.

Curiosamente, em vez de ocupar lugar próximo a Shavuot (a festa em que celebramos o recebimento da Torá), Simchat Torá é comemorada ao final de Sucot, junto com Shemini Atzeret (em Israel) ou no dia subsequente (fora de Israel). Um dos prováveis motivos para isso é que Simchat Torá se inseriu no contexto das festividades que encerram um ciclo para que o início de outro tenha lugar, todas celebradas no mesmo mês, Tishrei. O ano novo (Rosh Hashaná), o início das atividades agrícolas, com a tempora-

da das chuvas (Sucot) e finalmente, o início da leitura da Torá, em Simchat Torá.

Outro motivo para que Simchat Torá seja celebrada alguns meses depois de Shavuot nos é trazido por uma bela história, atribuída ao Maguid de Dubno. Essa história, que não reproduziremos aqui para não estender demasiadamente o texto, representa metaforicamente o fato de que, ao recebermos a Torá, em Shavuot, o conjunto de obrigações ali contidas não deve ter parecido fácil nem belo. Somente após análise e vivência profundas, passados alguns meses, essa beleza se revela, sendo então comemorada com intensa alegria.

O ciclo de leitura anual, que vinculamos a Simchat Torá, não é interrompido, ou seja, evita-se que o término da leitura seja de fato uma conclusão. Para isso, lemos a última parte do livro de Devarim (Deuteronômio), para em seguida lermos a primeira parte do livro de Bereshit (Gênesis), sem permitir portanto que o ciclo efetivamente termine. Há um aspecto curioso e que poucas vezes lembramos: esta é uma festa na qual há um término, porém há dois começos. Vamos escrever sobre isso mais adiante.

Foto de Betty Nudler, Jerusalém, Israel





Se por um lado é interessante o conceito do ciclo que se repete ininterruptamente, vale lembrar que, de fato, o que se deseja estimular aqui é exatamente o oposto, ou seja, a ausência da repetição. Ao retomarmos a leitura, reiniciando o texto, buscaremos novos aspectos do mesmo, encontrando elementos aos quais ainda não tínhamos dado atenção anteriormente. Encontraremos palavras a cujo estudo não dedicamos tempo e que agora poderemos estudar. Identificaremos conexões que antes não tinham nos chamado a atenção, mas que na nova leitura parecem saltar aos olhos. E de fato, a Torá ganha significado a partir das várias leituras que fazemos e de como as mesmas impactarão nossas vidas. A leitura repetitiva e mecânica do texto não seria, de forma alguma, objeto de uma celebração alegre como fazemos em Simchat Torá. O que estamos ali celebrando é o conteúdo, e o nosso compromisso e nossa capacidade de levar este conteúdo para nossas vidas. E este é o segundo motivo pelo qual o que se comemora é a nossa habilidade de um novo olhar a cada ano: nós, os leitores da Torá, nunca somos os mesmos. Nossa compreensão muda com o tempo. O que antes nos parecia ser a essência do texto pode hoje ser menos importante, mas outro aspecto passa a ter mais significado, porque, por exemplo, se conecta com algum aspecto do nosso momento atual.

E é com este intuito, de trazer um novo olhar para Simchat Torá, que gostaria de chamar a atenção ao fato mencionado anteriormente: esta é uma festa vinculada a um final de ciclo, mas na qual podemos identificar dois inícios.

Após a leitura do trecho inicial da Torá, agregamos a leitura da Haftará, uma parte extraída de Neviim (profetas), e que é escolhida para cada data (shabat ou festividade) em função da similaridade com o tema da Parashá (trecho lido da Torá) ou por qualquer outro aspecto que o vincule àquela leitura.

Em Simchat Torá lemos, na Haftará, o início do livro de Yoshua (Josué), que dá sequência à história do povo judeu, após o término da Torá, liderando a entrada em Canaã. Temos aqui, portanto, um segundo começo, o começo da nova e fundamental parte da história judaica, em que se ratifica o vínculo com a Terra de Israel, com o retorno ao local onde tinham vivido as famílias

de nossos patriarcas e matriarcas, Avraham e Sara, Itzchak e Rivká e Yaakov, Lea e Rachel, centenas de anos antes.

Esta leitura não deve passar sem o merecido destaque e nos faz lembrar que há apenas 70 anos iniciamos também um novo ciclo de nossa história, voltado para aquele mesmo espaço de terra, com a criação do Estado de Israel, após dois milhares de anos de dispersão.

Os desafios enfrentados por Yoshua foram tremendos. Ele substituiu Moshé, uma liderança ímpar, que soube conduzir o povo não apenas para a travessia do deserto, por 40 anos, mas, muito mais que isso, num processo de transformação de um bando de escravos fugitivos, num povo livre e consistente, vivendo sob a égide da Lei. Yoshua deveria também transformar um povo nômade e sem referência territorial própria, num povo com uma pátria, na qual deveria organizar e harmonizar a convivência entre as diversas tribos (a cada uma foi atribuída uma porção territorial), bem como a relação com seus vizinhos. Da mesma forma, não foram poucos nem pequenos os desafios que se apresentaram aos chalutzim, pioneiros na construção da Israel moderna. Desafios que ainda persistem e que são enfrentados no dia a dia, aos quais se somam dúvidas cujas respostas não são imediatas nem simples e que têm atravessado esses 70 anos da ainda curta história israelense.

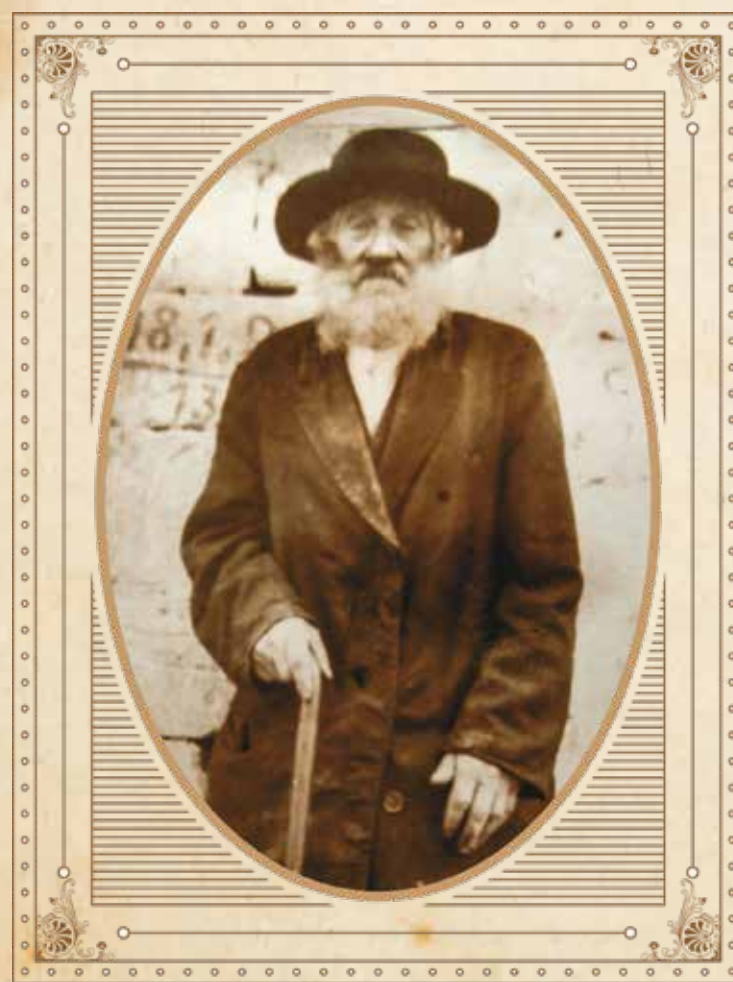
Este segundo começo, que a leitura deste trecho inicial de Neviim em Simchat Torá nos proporciona, estabelece um vínculo muito especial entre a relevância que identificamos a partir da nova oportunidade de aprendizado que se oferece com a retomada da leitura da Torá, e a importância que atribuímos à comemoração anual de Iom Haatzmaut. Que possamos sempre participar do crescimento e fortalecimento de Israel, tendo como parâmetros os princípios e valores que derivam da compreensão da essência das leis judaicas e da nossa história.

¹ A história pode ser encontrada em livre adaptação no livro "Na Espiral do Tempo, Uma viagem pelo calendário judaico", de David Gorodovits, Editora Sefer

² Tanach é um acrônimo de Torá, Neviim e Ketuvim, as três partes que compõem a bíblia judaica.

Ricardo Gorodovits é empresário e ativista da ARI no Rio de Janeiro

“Israel é a pátria histórica do povo judeu em que o Estado foi estabelecido”



Deborah e Liz Bronfen
em memória do tataravô,
Professor Norton Kaiserman,
nascido em Sfat, Israel.

Israel

O CORAÇÃO DO JUDAÍSMO

O DEUS DOS JUDEUS É O DEUS DO AMOR. VOCÊ DEVE AMÁ-LO COM TODO O TEU CORAÇÃO, TODA A TUA ALMA E O TEU PODER

POR RABINO JONATHAN SACKS

Os setenta anos do estabelecimento do Estado de Israel é o momento adequado para nos lembrar de um mistério no coração do judaísmo.

Por que Israel? Porque a Torá usou, em seus textos, de forma tão definitiva esse lugar, que Espinoza denominou como uma mera faixa de território. O Deus de Abraão é o Deus de todo o mundo, uma divindade ilimitada pelo espaço. Então, por que Ele escolheu um espaço particular tão pequeno e vulnerável?

A pergunta “por que Israel?” é a forma geográfica de perguntar: por que os judeus? A resposta se apoia na dualidade definidora da fé judaica e se constitui em uma das maiores contribuições dos judeus para a civilização. O judaísmo incorpora e ilustra a tensão entre o universal e o particular, entre estar em todos os lugares e só em algum lugar.

Se houvesse somente o universal, a totalidade, o mundo seria constituído por impérios, cada qual clamando a posse da verdade, prontos para conquistar e converter os demais ao seu redor. Se existe só uma verdade e você se afirma como o dono dela, significa que os outros estão vivendo de forma errada. Essa foi a justificativa para muitos crimes ao longo da história.

Se, por outro lado, existissem só os particulares - isto é, uma multiplicidade de culturas e traços étnicos, sem princípios morais universais, que os unissem -, resultaria que o esta-



JUDAÍSMO É A CONSTITUIÇÃO DE UMA NAÇÃO AUTODETERMINADA, FORMADA POR UMA SOCIEDADE LIVRE E DIGNA, DEDICADA AO SERVIÇO DE DEUS

do natural da humanidade se constituiria em uma infindável quantidade de tribos guerreiras. Esse é o risco atual diante da disseminação de uma moralidade relativista pós-moderna com conflitos étnicos, a violência e o terror varrendo o globo terrestre.

A aliança entre o Criador e Abraão, como entendida pelo judaísmo, é a única forma de se evitar esses dois cenários. Os judeus pertencem a um lugar, não a todos. Mas o Deus que eles seguem é o Deus de todos os lugares e não só de um, especificamente. Assim, os judeus foram ordenados para não se constituírem em impérios, nem em tribos, evitando, assim, nem aspirações universais, nem beligerâncias tribais. A terra deles seria pequena, mas de grande significado e seria lá, que eles deveriam viver o seu destino.

Esse destino seria o de criar uma sociedade, que honraria o mandamento de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Seria um lugar em que a liberdade de uns não levasse à escravidão de outros. Seria o oposto do Egito, no sentido de que as ervas amargas, comidas em Pessach, lembrassem aos judeus que a escravidão não deveria existir. Seria a única nação do mundo, cujo rei seria o próprio Deus e a sua constituição a Torá.

Judaísmo é o código de uma sociedade autodeeterminada. Nós tendemos a esquecer desse fato, porque vivemos dispersos por dois mil anos, despidos do poder de nos governar e por que Israel é um estado laico. O

judaísmo é uma religião de redenção mais do que de salvação, é caracterizada pelos espaços repartidos de nossa vida coletiva, não um drama interior de nossa alma, como se encontra nos Salmos e no Livro de Jó.

O Deus dos judeus é o Deus do amor. Você deve amá-lo com todo o teu coração, toda a tua alma e o teu poder. Você deve amar o teu vizinho como a ti mesmo. Você deve amar o estrangeiro. A bíblia hebraica é um livro embebido de amor – o amor de Deus pela humanidade, e o amor das pessoas por Deus. Todas as emoções intensas de raiva e inveja são partes da história da falta de reciprocidade desse amor.

Mas o judaísmo pode ser considerado, também, o código de uma sociedade, pois ele diz respeito a emoções sociais, integridade, justiça, bondade e compaixão. Essa estrutura, que é o arcabouço das leis bíblicas, deveria cobrir todos os aspectos da vida em sociedade, sua economia, seu sistema de bem estar, sua educação, sua vida familiar, a relação patrão empregado, a proteção do ambiente, entre outros.

Os princípios mais pregnantes desse código, tradicionalmente conhecido como “as 613 mitzvot”, são claros: ninguém deve ser abandonado na pobreza; todos devem ter acesso à justiça e aos tribunais; nenhuma família pode viver sem possuir um pedaço de terra; um dia por semana, todos são livres para descansar; a cada sete anos, as dívidas devem ser perdoadas; a cada 50 anos, as terras vendidas devem retornar aos seus antigos donos. É a legislação mais próxima do que pode se chamar de uma sociedade igualitária, que o mundo já teve.

Nada disso seria possível sem uma referência geográfica. Os sábios diziam que “quem vivesse fora de Israel viveria como se não tivesse Deus”. Nachmanides, no século XIII, disse que “as 613 mitzvot” deveriam ser só cumpridas por aqueles que vivessem na terra do Criador. Essas são impressões místicas, que podem ser traduzidas em termos seculares.

Judaísmo é a constituição de uma nação autodeeterminada, formada por uma sociedade livre e digna, dedicada ao serviço de Deus. Esse Deus que vive no nosso coração, mas não em praça pública, na justiça dos tribunais, na moralidade da economia e no humanismo da vida cotidiana.

Os judeus viveram em quase todos os países ao redor do mundo. Em quatro mil anos, só em Israel foram capazes de viver em liberdade como nação soberana. Só em Israel, eles construíram uma agricultura sustentável, um sistema médico, uma infraestrutura econômica, no espírito da Torá e seus fundamentos de liberdade, justiça e da santidade da vida.

Somente em Israel, os judeus podem falar o hebraico, idioma da bíblia, no seu dia a dia. Somente lá, eles podem seguir o calendário consagrado pelas fontes bíblicas. Só em Israel, os judeus podem caminhar por onde os profetas andaram, subir as montanhas que Abraão passou, e para as quais o Rei Davi levantou os seus olhos. Israel é o único lugar onde os judeus foram capazes de viver o seu judaísmo de forma plena, continuando a história iniciada por seus ancestrais.

O renascimento do Estado de Israel, que só ocorreu há setenta anos, excedeu todas as expectativas, sonhadas pelos pioneiros sionistas, apesar do fato de que a nação teve que enfrentar e continuar enfrentando desafios de guerra, terror, deslegitimação e difamação. Contudo, Israel representa a realização fidedigna do mandamento de Moisés: “escolha a vida que você e teus filhos podem viver”.

Que a luz do Estado de Israel, que brilha cada vez mais a cada ano, continue a significar uma bênção, não só para o povo judeu, mas também para o mundo.

****Esse artigo foi originalmente escrito para a edição inaugural da revista Hamizrahi, editada pelo Mizrahi Mundial. Abril, 2018. Tradução: Sarita Schaffel**

Jonathan Sacks é rabino, escritor e filósofo

A NASAJON SISTEMAS,
QUE HÁ 36 ANOS DESENVOLVE SOFTWARE DE CONFIANÇA,
CONGRATULA O ESTADO DE ISRAEL PELOS 70 ANOS!

MAZAL TOV AO LAR DO NOSSO POVO!



Soluções de Software Integrado para Gestão Empresarial
0800 021 7070 | www.nasajon.com.br

NASAJON
SISTEMAS

Rio de Janeiro



Embaixatriz de Israel no Brasil, Sra. Dina Shelley, Danielle Ptak e Ana Marlene Starec



Presidente WIZO Rio, Luciana Burlá Cukierman, e chaverot no evento



Vereadora Teresa Bergher com chaverot WIZO Rio

WIZO RIO E FIERJ COMEMORAM OS 70 ANOS DE ISRAEL

Atendendo ao convite da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro (FIERJ), a WIZO RIO, representada pelo seu corpo de ativistas, esteve presente às comemorações festivas por ocasião do 70º Aniversário da Independência do Estado de Israel. O evento foi realizado em conjunto com todas as demais entidades do Estado, no Centro Adolpho Bloch, na Barra da Tijuca.



KABALAT SHABAT NA ARI

Foi lindo o Kabalat Shabat em homenagem aos 70 anos da Independência do Estado de Israel, com a presença de grande número de alegres ativistas, plateia de associados e amigos ARI. As ilustres presenças do Embaixador de Israel. Sr. Yossi Shelley, e sua esposa, Sra. Dina Shelley, do Cônsul Honorário, Osias Wurman e esposa, da Vereadora Teresa Bergher, do Presidente da FIERJ, Harry Rozemberg e membros de seu Executivo, além das Diretorias da ARI, WIZO Brasil e WIZO Rio, deram todo o enlevo que a data requeria. Todos unidos festejaram, com alegria e contentamento, o orgulho pelas sete bem sucedidas décadas da Medinat do Povo Judeu.

CAMPANHA DO AGASALHO

A 2ª Campanha do Agasalho, promovida pela FIERJ, foi um sucesso, graças à participação de todas as entidades judaicas. A ação conseguiu arrecadar cerca de 20 mil agasalhos que serão distribuídos nos Centros de Atendimento e Assistência Social a carentes da Prefeitura da cidade. A WIZO RIO fez bonito, participando de modo integral em todos os instantes do evento e coletando itens para a campanha. As chaverot, como sempre, selaram o importante compromisso de ajudar ao próximo. Kol a Kavod e parabéns a todas pelo empenho!



Colégio A. Liessin Sholem



Colégio Eliezer Max Nordau

BAZAR WIZO RIO

A edição de julho do Bazar da WIZO Rio foi realizada no CIB e contou com a presença de todos os grupos do Centro Rio. As chaverot estavam engajadas para valer e participaram de todas as etapas do evento. A Vereadora Teresa Bergher prestigiou o evento, assim como a Chabanit Chane Goldman, que também veio dar o seu abraço solidário. A WIZO Rio agradeceu imensamente à Diretoria do CIB e ao seu Presidente, bem como aos colaboradores, pela contribuição para que o evento fosse um sucesso. O público vibrou com o tradicional Bazar WIZO Rio!



TALK SHOW COM ANA MARIA BRAGA E LEILA STERENBERG

Foi sucesso total o evento do Grupo Gal Or, o talk show com Ana Maria Braga e Leila Sterenberg. A plateia, com 400 pessoas, aplaudiu a belíssima tarde organizada pela WIZO Rio de Janeiro, com todo o carinho. Alegria e união entre todas as chaverot fizeram do talk show um mega evento! A cooperação em torno de um só ideal fez toda a diferença. Uma verdadeira aula de superação e amor que serviu de exemplo para todas. Quem foi AMOU! E, de quebra, prestigiou o bem!

CARTÃO DE VANTAGENS WIZO RIO

Está fazendo grande sucesso o cartão de vantagens destinado às associadas WIZO RIO. Graças ao empenho da Coordenadoria de Sócias da entidade, um bom número de parceiros, entre profissionais diversos, casas comerciais e afins aderiram ao projeto. Deste modo, todos saem lucrando: as chaverot e amigas WIZO RIO, por economizarem e os parceiros por comercializarem seus serviços que, nesta época de crise, passam por diversos obstáculos. A ideia mereceu elogios da WIZO MUNDIAL e pode ser adaptada a todos os Centros WIZO no Brasil.





Bazar WIZO Paraná foi um grande sucesso

Chaverot WIZO Paraná no Bazar

BAZAR WIZO PARANÁ

A WIZO Paraná, juntamente com a Associação de Amigos do Hospital de Clínicas de Curitiba, realizou o tradicional Bazar de julho. As chaverot se empenharam e não mediram esforços para tornar este evento um grande sucesso. Para tal, contaram com o apoio de colaboradores e, também, do grande público.

COMEMORAÇÃO AOS 70 ANOS DO ESTADO DE ISRAEL

A OAB Rio Grande do Norte realizou cerimônia pelos 70 anos de Israel, sob a coordenação do Presidente do Centro Israelita do Rio Grande do Norte, Dr. Samuel Max Gabbay, com a presença do Embaixador de Israel no Brasil, Sr. Yossi Shelley, e a participação do Centro WIZO do Rio Grande do Norte. Na ocasião, foram entregues o voto de louvor pelos 70 anos da Assembleia Legislativa, proposto pelo deputado estadual Ricardo Mota, e o voto de louvor da Câmara de Vereadores da vereadora Ana Paula.



LEMBRANÇA DO HOLOCAUSTO

A WIZO Rio Grande do Norte, em parceria com o Centro Israelita do Rio Grande do Norte, promoveu, sob liderança do Presidente Dr. Samuel Max Gabbay e da Presidente WIZO, Ana Júlia Gabbay, um dia de Lembrança do Holocausto. O evento contou com a presença dos Vereadores Franklyn Capistrano e Aquino Neto.



ENTREGA DONATIVO AO HOSPITAL DE CLINICAS DE CURITIBA

Após o excelente Bazar realizado pela WIZO Paraná, foi entregue o cheque referente à doação para o Hospital de Clínicas de Curitiba. As chaverot da WIZO Paraná agradeceram a todos que ajudaram para o grande sucesso deste evento.

QUALIDADE DE VIDA

A WIZO Paraná realizou palestra sobre "Qualidade de vida" com o médico Dr. Cesar Kubiak. As chaverot e o público prestigiaram o evento. O ingresso era uma lata de leite que a WIZO encaminhou para uma instituição de crianças carentes.



"OS INCRÍVEIS 2" AGITOU O PARANÁ

O grupo Aviv Sara Zugman realizou sessão dominical no cinema do Shopping Pátio Batel, apresentando o filme "Os Incríveis 2". Parte da renda arrecadada foi destinada à Associação Aldeia São José. O evento foi um sucesso e animou a garotada.



EXPOSIÇÃO DE SÉRGIO TOCHNER

As chaverot da WIZO Minas Gerais realizaram a Exposição do Arquiteto Sérgio Tochner, "Camadas de Memória", que ocorreu no Centro Comunitário Associação Israelita Brasileira - CCAIB. O evento teve a coordenação do Grupo Executivo do Centro WIZO Minas Gerais.

ALMOÇO BENEFICENTE

Em uma tarde agradável, as chaverot do Centro WIZO Minas Gerais reuniram-se, após palestra com o Dr. Marcelo Sternick, para um almoço beneficente, sob a liderança da Presidente Helena Berger, da Vice-presidente Elisabeth Bronfen e da diretora financeira, Margarida Kraiser.



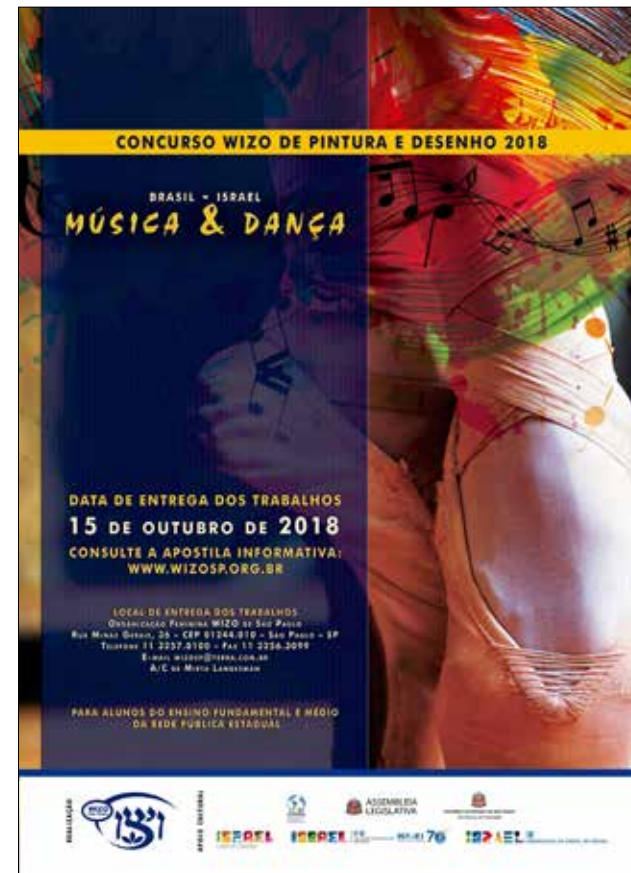
COZINHA EQUIPADA

Com o auxílio do Centro WIZO Minas Gerais, a cozinha dos funcionários da Associação Israelita de Belo Horizonte foi totalmente reformada e equipada. Os membros do Centro se reuniram com os funcionários para comemorar a reforma.



PREMIAÇÃO DO CONCURSO WIZO DE DESENHO E PINTURA 2017 EMOCIONA

Mais uma vez, a premiação do Concurso WIZO de Pintura e Desenho emocionou quem esteve presente. O tema Brasil e Israel – Terras de Imigrantes emocionou a todos. O secretário da Educação José Renato Nalini ressaltou a importância dessa realização: “Concursos como esse, promovido pela WIZO, são uma alavanca para o aprendizado, pois todo jovem gosta de competir e, nesse caso, pode mostrar o talento e sua criatividade, ao mesmo tempo em que aprende a ser mais sensível e mais fraterno, refletindo sobre temas importantes como o da imigração”. O professor Alessandro Roberto de Carvalho, que orientou a vencedora do primeiro prêmio, Karelly Ticona Mamani, corroborou o que disse o secretário. “É importante ter concursos como este, que abrem portas para esses talentos, afinal, quantos artistas temos nessas escolas que acabam passando despercebidos, sem uma chance de mostrar suas habilidades?” O próximo Concurso já tem tema definido e será “Brasil e Israel: Música e Dança”.



CONCURSO WIZO DE PINTURA E DESENHO 2018

O Concurso WIZO de Pintura e Desenho deste ano para alunos da rede pública já está lançado. O tema “Brasil-Israel: Música e Dança” convida alunos e professores para uma enriquecedora pesquisa. São as duas expressões culturais, presentes na tradição que passa de geração em geração nos dois países. A Solenidade de Premiação será na Assembleia Legislativa no dia 12 de novembro, às 14h30.

BAZAR WIZO 2018 É SUCESSO!

Por mais um ano, as voluntárias se empenharam em conseguir produtos de qualidade e mostraram todo seu entusiasmo para atender os clientes do Bazar WIZO 2018, fazendo deste empreendimento mais uma vez um sucesso. Este ano, a Unibes colaborou com a WIZO para que toda a infraestrutura do salão estivesse pronta. Antes da abertura do Bazar, a chaverá Noemia Hotimsky, que há mais de 50 anos se dedica à Organização, recebeu uma justa homenagem. Seu filho, Silvio Hotimsky, fez um depoimento emocionante sobre a trajetória da mãe. “Minha mãe constituiu a WIZO, mas também foi constituída por ela. Certamente é um dos organizadores da sua vida e de seus afetos”. O vereador Gilberto Natalini e o ex-prefeito de Tietê, Manoel David Korn de Carvalho, também visitaram o Bazar WIZO e elogiaram a iniciativa.



WIZO SP HOMENAGEIA SULAMITA TABACOF

Em seu tradicional evento do Dia Internacional da Mulher, a WIZO São Paulo homenageou uma de suas mais importantes ativistas: Sulamita Tabacof, Presidente de Honra da Organização. Com o salão do Buffet Menorá completamente lotado, com presença de autoridades, representantes de outras entidades, rabinos, voluntárias, convidados e sua família, Sulamita agradeceu a cada um dos presentes e ressaltou sua missão comunitária. “Se até hoje eu tive boa parte da minha vida dedicada à WIZO, depois de um evento como este, minha responsabilidade aumenta ainda mais”, falou a homenageada. Nascida em Salvador, Sulamita foi convidada por Antonietta Feffer, então Presidente da WIZO Brasil, para se tornar voluntária da Organização. Vindo para São Paulo nos anos 1970, logo se engajou em diversos projetos, sendo uma das idealizadoras do consagrado Concurso WIZO de Pintura e Desenho. “Sulamita representa a luta de todas as mulheres por um ideal comum, por justiça social, solidariedade e amor a Eretz Israel”, falou Rebeca Rosenberg, presidente do Grupo Chana Szenes e mestre de cerimônia do evento. Abrindo e fechando a tarde, as vozes potentes de Cláudio Goldman e Sabrina Shalom emocionaram os presentes, com músicas em hebraico, português, iídiche e ladino, acompanhados do músico Gabriel Goldman.



TARDE DE HOMENAGENS

Em uma tarde realizada em homenagem às chaverot Fany Feldman, Laura Rosen, Manhucia Liberman, Noreen Sarue e Rosa Garfinkel (zicaron lebrachá – benditas suas memórias) pela contribuição inestimável à causa WIZO, foi feita na WIZO São Paulo uma celebração à vida. Após relatos sobre os feitos significativos destas voluntárias, rabino Samy Pinto falou sobre os significados da vida de acordo com o Judaísmo.



JERUSALÉM, A CAPITAL JUDAICA

André Lajst, da ONG StandWithUs Brasil, fez uma palestra na WIZO São Paulo sobre a recente mudança da Embaixada dos Estados Unidos em Israel para Jerusalém. Segundo ele, como todos os órgãos governamentais israelenses ficam na parte Ocidental da cidade, seria natural que as Embaixadas também se localizassem lá. Lajst também comentou os últimos acontecimentos na faixa de Gaza, mostrando como a mídia não divulgou dados importantes, como o fato de muitas das vítimas palestinas serem terroristas do Grupo Hamas.



YOM HAZIKARON E YOM HAATZMAUT

A WIZO São Paulo ficou enfeitada de azul e branco para celebrar os 70 anos da Independência do Estado de Israel. A celebração ficou a cargo do Grupo Barak. Antes da festa, foi feito um ato de Yom Hazikaron, em homenagem aos soldados que caíram e às vítimas de atentados terroristas. O chazan Alexandre Schinazi entoou orações em memória desses soldados. André Lajst, da StandWithUs Brasil, contou casos de bravura como o do americano Michael Levin, morto em combate na Guerra do Líbano em 2006, que abdicou de ficar com sua família nos EUA para defender Israel. Depois das palavras da Presidente do Grupo, Olga Teperman Aizemberg, e da Presidente da WIZO-SP, Nava Shalev Politi, o Coral Sharsheret entoou duas músicas do seu novo CD Halleluiah, que



será lançado ainda este ano. A tarde terminou com muita dança e uma mesa especial de doces e salgados, e os desejos de paz e prosperidade para o Estado Judeu.

Amazonas

VISITA DE ANA MARLENE STAREC A MANAUS

A WIZO Amazonas recebeu a ilustre visita da Presidente de Honra da WIZO Brasil, Sra. Ana Marlene Starec, que proferiu palestra sobre o movimento e atividades da Organização. A Sra. Ana Marlene homenageou as Sras. Nina Laredo Pinto, que assumia a Presidência da WIZO Amazonas, juntamente com a Vice Presidente, Lúcia Assayag, e a Sra. Mary Obadia Benzecry, que deixava o cargo de Presidente, com o Broche da WIZO, em uma cerimônia emocionante.



TARDE DE ENCONTRO E HOMENAGENS, UM SUCESSO NA WIZO MANAUS

A WIZO Manaus realizou evento, bastante movimentado, para o lançamento do livro sobre mulheres judias em nossa comunidade, de autoria da socióloga Dra. Dina Nogueira. Na ocasião, reuniu-se grande parte das senhoras WIZO. O momento também serviu para homenagear a Sra. Mary Israel Benchimol, chaverá muito querida e dedicada da comunidade judaica amazonense e que foi uma das pioneiras WIZO. A Presidente Nina Laredo Pinto fez uma explanação do que é a WIZO, seus objetivos e sua missão, contando com milhares de voluntárias no mundo inteiro. O evento cultural contou com a presença de animadas chaverot que desfrutaram de um farto chá, acompanhado de comidas israelenses e marroquinas.

Brasília



Embaixador Yossi Shelley e Sra. com chaverot WIZO Brasília



Ex-presidente Rachel Abitbol, Vereadora Teresa Bergher e Luiza Lorber

YOM HAATZMAUT NA EMBAIXADA

Para celebrar o Dia da Independência de Israel nos seus 70 anos, as chaverot da WIZO Brasília estiveram presentes na Embaixada de Israel e foram recebidas com carinho pelo casal de Embaixadores, Sr. Yossi Shelley e Sra. Dina Shelley.



ATÉ BREVE PARA A EMBAIXATRIZ DE ISRAEL

As chaverot da WIZO Brasília receberam a Embaixatriz de Israel, Sra. Dina Shelley na residência da Presidente do Centro, Sra. Mariângela Lemos, para um chá de despedida dias antes do seu retorno para Israel. A Embaixatriz ficou emocionada com o carinho e acolhimento das chaverot WIZO. Segundo Mariângela, "o casal de Embaixadores fez a diferença na nossa comunidade. Eles vieram para agregar".



WIZO E ACIB UNINDO FORÇAS

Campanha da solidariedade da WIZO Brasília em conjunto com a Associação Israelita de Brasília - ACIB. Foram colocados, na entrada da ACIB, três painéis em PVC onde as pessoas podem fazer doações de roupas para que os necessitados as peguem. A campanha é um verdadeiro sucesso!



4ª JORNADA CULTURAL

A 4ª Jornada Cultural, cujo tema foi os 70 anos de Israel, trouxe inúmeras informações às presentes, que vibraram a cada nova apresentação. Israel na atualidade, avanços tecnológicos, cerimônias de tristeza e alegria, sociedade israelense, e outros temas foram abordados de forma dinâmica, com conteúdo elaborado através de pesquisa e criatividade por oito grupos da WIZO RS. Organizada pelo Departamento de Cultura, a Jornada consolidou-se como um dos grandes eventos de integração da Organização.



NOVAS FAMÍLIAS, NOVOS CÓDIGOS

Com muito calor humano para espantar o frio e salão lotado, o grupo Tikvá realizou mais uma edição do seu chá beneficente. Com o tema “Novas famílias, novos códigos”, o evento iniciou com um coquetel, seguido de um bate-papo com quatro convidadas debatedoras - uma advogada, uma psicóloga, uma atriz e uma jornalista - que atenderam ao convite para participar da parte cultural, tão característica do grupo. Muitos apoiadores atenderam ao chamado para contribuir com o evento, e o resultado foi coroado pela degustação de algumas das melhores delícias da confeitaria porto-alegrense. Foi a Tzedaká exercida na sua plenitude.



Sheila Schul e Ida Bochernitsan com chaverot WIZO RS



Posse Diretoria - Ida Bochernitsan Vice-presidente e Sheila Schul Presidente

POSSE DA NOVA DIRETORIA DA WIZO RS

A Sra. Sheila Maltz Schul assumiu a Presidência do Centro WIZO RS, juntamente com a sua Diretoria para o triênio 2018-2020, em uma alegre comemoração entre as chaverot.

MINI BAZAR WIZO EDIÇÃO DIA DOS PAIS

A WIZO Rio Grande do Sul realizou o Mini Bazar - Edição Dia dos Pais. O evento foi um sucesso de integração, divertimento e solidariedade! Kol Há Kavod chaverot WIZO!



HOMENAGEM A MALVINA DORFMAN NA GALERIA DAS EX-PRESIDENTES

A nova Diretoria e as chaverot do Centro promoveram o descerramento da fotografia de Malvina Dorfman na Galeria de Ex-Presidentes da WIZO Rio Grande do Sul. A cerimônia, muito emotiva e carinhosa, contou com a presença de muitas chaverot e da família da homenageada.



IOM MITZVAH – DIA DO AGASALHO DA COMUNIDADE JUDAICA DE POA

Em um domingo muito frio, a comunidade judaica se uniu para mais um Iom Mitzvah! Caminhões da Prefeitura, jovens, voluntários, entidades como WIZO, NAAMAT, Damas de Caridade, Movimentos Juvenis, Colégio Israelita estiveram unidos em um mesmo ideal: Tzedaka! Justiça Social! Ajudando a quem precisa!



Temos a missão de preservar os milenares valores judaicos, respeitando as tradições judaicas ortodoxas. Há 90 anos participamos do desenvolvimento da vida comunitária do nosso Estado, provendo apoio financeiro aos projetos mais relevantes da Comunidade Judaica, independente da linha política ou religiosa da Instituição, com ajuda irrestrita aos necessitados, escolas, movimentos juvenis, clubes e sinagogas.



Rua Barão de Iguatemi, 306 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2502-9933 Celular (21) 98232-8089
www.chevrakadisha.com.br
E-mail: chevra@chevrakadisha.com.br



Pernambuco



CELEBRAÇÃO DOS 98 ANOS DA WIZO

A WIZO Pernambuco promoveu reunião do Centro Recife com algumas convidadas, na residência da chaverá Simone Zimilis, quando foi comemorado os 98 anos da fundação da WIZO. Na ocasião, a chaverá Ada Waisman, ex integrante do Centro WIZO Rio de Janeiro, discorreu sobre a fundação da WIZO. Em seguida, a chaverá Fanny Chavarts leu artigo sobre a Defesa de Israel.

REUNIÃO DAS CHAVEROT

Sob a liderança da Presidente Raquel Kaufman, as chaverot da WIZO PE se reuniram em uma tarde comemorativa para planejar as ações e atividades do Centro para o segundo semestre. Foi um encontro produtivo e descontraído.



PARTICIPAÇÃO DA WIZO PERNAMBUCO EM ENCONTRO COM O EMBAIXADOR

As chaverot Noemia Kertsman, Fanny Chvartz, Jacy Averbuch, Sylvia Schwartz e Bela Trejgier representaram a WIZO durante o encontro que o Embaixador de Israel, Yossi Avraham Shelley, teve com as lideranças da nossa comunidade na Sinagoga Kahal Zur Israel, durante a sua visita oficial a Recife.



YOM HASHOÁ

A Federação Israelita de Pernambuco – FIPE – promoveu, por ocasião do Yom Hashoá, uma bela cerimônia na Sinagoga Kahal Zur Israel, na qual a WIZO Recife participou representada pelas chaverot Simone Zimilis e Jacy Averbuch.



Pará



Jantar de entrega de placa ao Embaixador de Israel, Yossi Shelley

ENTREGA DE PLACA AO EMBAIXADOR

O Centro WIZO Bella Lancry esteve presente nos eventos referentes à visita do embaixador Yossi Shelley ao Pará, tendo participado do belo jantar oferecido pela comunidade ao mesmo. Foi entregue placa comemorativa ao Embaixador e uma lembrança paraense à Sra. Anna Bentes Bloch, que o acompanhou na visita, por ter raízes no Pará. Também foi oferecido, junto às Sinagogas Shaar Hashamaim e Eshel Avraham um maravilhoso almoço de Shabat no salão da Sinagoga Shaar Hashamaim, com a presença da Khilá de todas as Sinagogas.



MÃE DO ANO

Seguindo a tradição, o Centro WIZO Pará realizou as comemorações da Mãe do Ano 2018. A escolhida foi a Sra. Janete Bentes, de inúmeras virtudes, médica dedicada a ajudar todos que dela necessitam, além de ser um sustentáculo para a Kehila da Sinagoga Eshel Avraham, seguindo os passos de honrar e manter o judaísmo recebido de pais e sogros. A Dra. Janete é esposa do Dr. Ramiro Bentes, mãe de quatro filhos e avó de cinco netos. Por sugestão da homenageada, foi promovido um bingo solidário para a arrecadação de alimentos para os mais necessitados.

CELEBRAÇÃO DE YOM HAATZMAUT

A WIZO Pará realizou evento comemorativo ao aniversário de 70 anos de Israel na Sinagoga Shaar Hashamaim, quando o Sr. Isaac Ramiro Bentes proferiu uma excelente palestra sobre a criação do sistema jurídico israelense. Após a palestra, houve a apresentação do grupo de Harkadá, seguido de saboroso jantar. As chaverot da WIZO Pará abrilhantaram o evento.



YOM HASHOÁ

A Sinagoga Eshel Avraham, juntamente com a Sinagoga e o Kadima Bney Akiva e a WIZO Pará, realizou cerimônia em lembrança de nossos irmãos mortos no Holocausto. A Chaverá Raquelita Athias, o Rabino Michel Pazuello e a jovem Deborah Côrtes foram os oradores da noite. Lembrar sempre, para que não se repita!





SEMINARIO WIZO DO CONE SUL NO URUGUAI

A participação no Seminário Uruguaio Cone Sul foi vibrante, onde a WIZO Brasil pode, de modo intimista, levar, a todas, exemplos de ações que estimulam e produzem efeito principalmente em tempos de crise. Foi extremamente gratificante acompanhar o interesse de ativistas de outros países. Atentas, as chaverot presentes vibraram com as palavras, e explicações, trazendo, a todas, a esperança de um trabalho cada vez mais bem sucedido e exitoso. Ano após ano, dia após dia, nada foi fácil na vida desta nação que completa 70 anos em 2018! A cada dia, entretanto, Israel pode contar com as mãos estendidas das chaverot WIZO! Em cada país do mundo, dentre os mais de 50 em que a WIZO está presente, correntes inteiras de mulheres lá estiveram, continuam a estar e se comprometem, diariamente, a continuar a dizer PRESENTE, ineinu! O povo de Israel espera a WIZO, que aqui sempre estará, para lhe dar as mãos e o principal, os corações!

REUNIÃO DE CONSELHO DELIBERATIVO

O Executivo da WIZO Brasil realizou, com sucesso, a Reunião de Conselho, tal como regem os estatutos. Nunca é demais ressaltar a importância de encontros deste tipo, principalmente em países como o Brasil, em que as grandes distâncias e alto custo de passagens aéreas, aliados a orçamentos diminutos acabam por inviabilizar muitos projetos. Apesar de todos os pesares, as metas foram atingidas e as presidentes dos Centros, juntamente com seu executivo, estiveram juntas e cada vez mais unidas.



Ana Marlene Starec, Nelly Starec e Tania Hadid no MOR 2018



Participação da Vice Presidente WIZO Brasil Nelly Starec na homenagem aos 70 anos de Israel

MOR 2018

Driblando os obstáculos com perseverança, a Federação WIZO Brasil conseguiu, com sucesso, se fazer presente através da Vice Presidente, Nelly Starec, acompanhada da Presidente de Honra, Ana Marlene Starec, ao MOR, reunião das Presidentes WIZO, cuja importância é inegável. É sempre uma oportunidade ímpar de congraçar as realizações do Brasil com as voluntárias de todo o mundo.



SHANÁ TOVÁ

Neuma Rubinsztajn Tel. 21-999777440



Ações sociais



O grupo WIZO Aviv Golda Pietricovsky de Oliveira, da WIZO Brasília, buscando o Tikum Olam judaico, ajudar ao mundo, contribuiu para a doação de materiais escolares para as crianças da Escola Núcleo Rural Córrego do Atoleiro, no começo do ano letivo de 2018.



O caminhão das Casas André Luiz saiu lotado da WIZO-SP com doação de roupas, calçados e utensílios, que serão transformados em recursos para a manutenção de tratamento das pessoas com deficiência intelectual atendidas, gratuitamente, pela instituição. Com mais de 60 anos de história, hoje são atendidos pelas Casas André Luiz cerca de 2 mil pacientes, dos quais 600 são residentes na Unidade de Longa Permanência (ULP) e os demais em regime ambulatorial.

Os alimentos arrecadados no Grupo de Leitura da WIZO RS foram doados para as "Damas de Caridade".



A WIZO RS beneficiou a Casa Camaleão, que trabalha com a autoestima contra o câncer, com a doação de um refrigerador para a cozinha da casa.

Membros da diretoria da WIZO RS estiveram no Lar Maurício Seligman para fazer a entrega oficial da doação de dois sofás, super confortáveis e adequados às necessidades dos residentes, para a sala de convivência. A administradora Zandra recebeu as chaverot com muito carinho, servindo café, um delicioso bolo e oferecendo flores pela passagem do dia da mulher.



O grupo lachad da WIZO Rio de Janeiro procedeu a entrega de 200 latas de leite em pó resultantes de doações obtidas em seu evento Bingo e mais o apoio das chaverot do grupo Emet em sua última palestra. O Benefício foi realizado para os abraçados pelo CELPI, em agradecimento à amiga Mariana Albuquerque que, graciosamente, "cantou" o Bingo. Kol a Kavod a todas!



Visitas

A WIZO RS promoveu uma visita a Israel, em comemoração ao aniversário de 70 anos. O sucesso da promoção levou ao planejamento do próximo Derech WIZO, em junho de 2019, que visitará Israel e a Espanha judaica.



A chaverá e Vice Presidente do Departamento de Organização da WIZO RS, Mariza Teruchkin, esteve em Israel. Segue o seu depoimento: "Voltando de uma emocionante visita ao Day Care Leon e Antonietta Feffer. É muito importante e gratificante ver o resultado do nosso trabalho WIZO! Fui recebida pela Diretora do Lar, Shani, e pela Diretora de Global Relations Division da World WIZO, Zoahar Shalhevet. A visita foi coroada com muito afeto por parte das crianças e os sufganiot de Chanuká."



Desirée Suslick, voluntária da WIZO São Paulo, acompanhada por Dalia Gantz, vice-presidente da WIZO Israel, visitou recentemente a Creche Schentrepler, em Pizgat Zeev, Jerusalém. Elas foram recebidas pela diretora da Creche, Orit Feinstein, que mostrou com detalhes as atividades da instituição.



Visitando Israel, Mariângela Lemos, a nova presidente da WIZO Brasília, foi recebida com grande carinho pela WIZO Mundial. Ela pode ver com seus próprios olhos o trabalho que lá é realizado e desta maneira voltar com otimismo e ânimo total para a nova etapa de trabalho.



Em sua visita a Israel, a Presidente da WIZO Rio de Janeiro, Luciana Burlá Cukierman, marcou presença visitando a sede da WIZO MUNDIAL, onde foi recebida por nossas lideranças com todo carinho merecido. Com Janine Gelley e Rivka Lazovisky, Luciana teve a oportunidade de contar um pouco sobre o que tem realizado no Centro Rio de Janeiro. Com alegria, pode observar a linda foto que a Presidente Executiva da WIZO Mundial tem da Federação WIZO Brasil e as chaverot brasileiras tirada no Seminário no Uruguai, realizado em março último. Luciana também teve a oportunidade de acompanhar uma reunião do MINI MOR, reunião especial para Presidentes e Representantes dos Países que se realizava naqueles dias. O Brasil foi representado no Mini MOR pela Presidente de Honra da WIZO Rio, Ruth Cohen, que reside em Israel. Luciana também esteve diretamente com Ruth para, pessoalmente, levar o nosso carinho.



GAZA: HÁ SOLUÇÃO?

■ ■ O HAMAS NÃO POSSUI NENHUMA INTENÇÃO, TAMPOUCO SEUS MEMBROS MILITARES, DE FAZERM ACORDOS DE LONGO PRAZO COM ISRAEL

Há anos, especialistas, acadêmicos e oficiais israelenses discutem quais soluções existem para a faixa de Gaza, território pequeno com dois milhões de habitantes, colado no sul de Israel e dominado por um grupo terrorista genocida com poder bélico de um pequeno exército regular.

As soluções seriam:

Invasão e reconquista deste território por Israel:

Essa solução teria que ser levada a cabo pelo exército em uma operação por terra que demoraria meses, talvez um ano para ser concluída. O exército israelense teria que entrar em milhares de casas de palestinos para prender todos os membros do Hamas, em torno de 30 mil apenas a ala militar do grupo.

Morreriam centenas de soldados israelenses e milhares de palestinos. A operação custaria bilhões de dólares aos cofres israelenses e existiria uma pressão interna, devido à morte dos soldados e, externa, devido à morte de palestinos, para colocar fim na operação. Israel se encontraria em uma situação talvez mais complicada. Essa solução não é viável.

Abrir o bloqueio e fazer acordos de trégua com o Hamas:

Opção preferida pelos pacifistas que não entendem as consequências de abrir o bloqueio imposto por Israel, desde que o Hamas tomou o poder, à força, em Gaza, em 2007. O Hamas não possui nenhuma intenção, tampouco seus membros militares, de fazerem acordos de longo prazo com Israel. A razão de sua existência é lutar contra Israel em ondas de violência contínuas que levantam a moral do grupo

e dão aos dirigentes mandatos e dinheiro para seus bolsos. A tirada do bloqueio apenas criaria uma situação de vácuo inicial de conflito, o Hamas se armaria novamente, e quando lhe fosse conveniente, iria usar essas armas contra Israel novamente, em uma nova guerra de larga escala, jogando milhares de foguetes em Israel.

Incentivar um acordo entre Hamas e Fatah:

Israel já tentou mediar e até permitiu que membros do Fatah, na Cisjordânia, fossem para a faixa de Gaza negociar com o Hamas um governo palestino de união, o que traria o Hamas para uma posição de mãos atadas para atacar Israel, uma vez que o governo palestino precisa, na teoria, negociar e conversar diariamente com Israel por motivos distintos. Porém, isso não ocorreu. As duas facções palestinas nutrem um ódio mortal (igual ou maior que o ódio a Israel) entre elas. A possibilidade de o Hamas ceder o poder que possui em Gaza, baixar as armas e devolver a autoridade civil e militar ao Fatah e à Autoridade Palestina é zero.

Como podemos perceber, as três opções mais citadas nos bastidores do conflito não são aplicáveis. A situação continuará da maneira que está por vários anos, até que exista uma exaustão por parte do Hamas e dos palestinos que estão dentro daquela região. Somente então, protestos violentos contra o grupo ocorrerão e, eventualmente, uma guerra civil poderá explodir no enclave palestino, com lutas entre membros do próprio Hamas, que voltarão suas armas uns contra os outros.

André Lajst é Cientista Político, Mestre no conflito árabe-israelense e diretor-executivo da StandWithUs Brasil





Balassiano **Engenharia**

Que 5779 renove as esperanças
de paz para todo o povo judeu
e para a humanidade.
Shaná Tová Umetuká!

www.balassiano.com.br

Av. Atalafu de Paiva 135 Gr. 1510 Leblon / Tel 2511 3311